U.PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

"Estágio Profissional: Um pequeno passo para a docência, um grande passo para a vida."

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado para a obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário ao abrigo do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro.

Orientador: Professor Doutor José Mário Cachada

Diogo Jorge de Carvalho Martins

Porto, julho de 2015

Martins D. (2015). Estágio Profissional: “Um pequeno passo para a docência, um grande passo para a vida”. Relatório de Estágio Profissional. Porto: D. Martins. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINO; MOTIVAÇÃO; PROFESSOR REFLEXIVO.

Dedicatória

Aos meus pais;

À minha irmã;

Aos meus tios e primos;

À minha namorada;

Aos meus amigos.

Agradecimentos

À minha família por ter estado presente nos bons e nos maus momentos e pelo esforço que sempre fizeram para que pudesse superar cada obstáculo que se impunha no meu percurso.

A ti, Sara, pela paciência, dedicação e apoio incondicional que sempre demonstraste. Muito obrigado por nunca teres desistido de mim e das minhas convicções.

Ao Professor Orientador, pelo supervisionamento, disponibilidade para ajudar nos momentos mais difíceis e pelos bons conselhos que sempre manifestou.

À Professora Cooperante, pela excelência da sua orientação, acompanhamento permanente, disponibilidade, conselhos manifestados, por permitir que expusesse-mos os nossos pontos de vista e por esclarecer e corrigir as nossas dúvidas.

Aos meus colegas de Estágio, Alberto Silva e Óscar Vilaça, pela amizade que nos uniu e que facilitou a concretização desta etapa, pela discussão sadia de opiniões e pelos excelentes momentos de alegria e boa disposição.

Obrigado a todos!

Índice Geral

1. Introdução 1
2. Enquadramento Biográfico 5
2.1. O meu percurso 5
2.2. Expectativas sobre o Estágio Profissional 6
2.3. Valores, ideias e atitudes assimiladas, adquiridas e efetivamente demonstradas ao longo do processo de Estágio. 9
3. Enquadramento da Prática Profissional 11
3.1. Enquadramento conceptual 11
3.2. Enquadramento Legal e Institucional 13
3.3. Enquadramento Funcional 15
3.3.1. Posicionamento enquanto estagiário da disciplina de Educação Física 16
3.3.2. Caracterização da Escola Secundária Augusto Gomes 17
3.3.3. Caracterização da Turma do 10ºC 20
4. Realização da Prática Profissional 23
4.1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem 24
4.1.1. Conceção 25
4.1.2. Planeamento 28
4.1.3. Realização 34
4.1.3.1. Saber Comunicar e Instruir 36
4.1.3.2. Saber Organizar e Gerir 41
4.1.3.3. O Clima e a Disciplina na sala de aula 44
4.1.3.4. Recetividade e execução de práticas inovadoras em Educação (Criatividade) 47
4.1.4. Avaliação 49
4.2. Participação na Escola e Relações com a Comunidade 55
4.2.1. O papel do Diretor de Turma 61
4.3. Desenvolvimento Profissional 62
4.3.1. Projeto de Formação Individual 63
4.3.2. Portfólio Digital 64
4.3.3. Escola EB 2/3 Óscar Lopes, uma experiência para o futuro 65
4.3.4. Estudo de Investigação-Ação 67
4.3.4.1. Introdução 67

4.3.4.2. Revisão da Literatura 68
4.3.4.2.1. Da motivação à atuação do professor 68
4.3.4.3. Objetivos da Investigação 70
4.3.4.3.1. Objetivos Gerais 70
4.3.4.3.2. Objetivos Específicos 70
4.3.4.4. Hipóteses 70
4.3.4.5. Material e Metodologia Utilizada 71
4.3.4.5.1. Metodologia 71
4.3.4.5.2. Instrumentos Utilizados 72
4.3.4.5.3. Amostra 73
4.3.4.6. Questionário Motivação dos Alunos 75
4.3.4.6.1. Apresentação dos resultados da ESAG 75
4.3.4.6.2. Apresentação dos resultados da Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira 79
4.3.4.6.3. Discussão dos resultados 86
4.3.4.7. Entrevista Atuação do Professor 88
4.3.4.7.1. Apresentação dos resultados 88
4.3.4.7.2. Discussão dos resultados 92
4.3.4.8. Conclusões 95
4.3.4.9. Bibliografia 96
5. Conclusões e Perspetivas para o Futuro 99
6. Bibliografia 101
7. Anexos XIX
Anexo A – Versão Original do Questionário XIX
Anexo B – Versão Original da Entrevista XXI
Anexo C – Transcrições das Entrevistas XXII
Anexo D – Comparação da motivação dos alunos SPSS XXX

Índice Figuras

Figura 1- Hétero avaliação dos alunos em relação à minha prática docente 46

Índice Tabelas

Tabela 1-Referente ao nº de alunos distribuídos segundo o ano e a escola. 73
Tabela 2-Distribuição da idade. 74
Tabela 3 - Motivação dos alunos para a realização das aulas (ESAG). 76
Tabela 4 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESAG). 78
Tabela 5 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESAG). 79
Tabela 6 - Motivação dos alunos para a realização das aulas (ESJP). 80
Tabela 7 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESJP). 82
Tabela 8 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESJP). 83

Resumo

O relatório de estágio é o reflexo e o testemunho de vários momentos importantes decorridos no meu processo de formação inicial, no âmbito do Estágio Profissional, inserido no plano de estudos do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Neste sentido, o documento em análise pretende transmitir toda a atividade por mim desenvolvida na Escola Secundária Augusto Gomes, em Matosinhos, no que se refere à condução do processo de ensino-aprendizagem e do meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Este relatório encontra-se dividido em quatro (4) grandes capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito ao Enquadramento Biográfico, onde descrevo o meu percurso e as minhas expetativas em relação a esta aventura enquanto estudante-estagiário.

O segundo capítulo corresponde ao Enquadramento do Estágio Profissional onde é feita uma abordagem à escola como instituição, caracterizando o contexto escolar em que estive inserido.

No terceiro capítulo, a Realização da Prática Profissional define-se como o "ponto alto" do meu Relatório de Estágio e abrange três (3) áreas de interesse referentes às funções do docente: Organização e gestão do ensino e da aprendizagem; Participação na escola e relações com a comunidade; e Desenvolvimento profissional. Neste capítulo, realizei uma reflexão sobre tudo o que planeei e executei durante a minha prática profissional.

Por fim, no quarto capítulo, na Conclusão e nas Perspetivas para o futuro, faço uma síntese de todos os momentos vividos no Estágio, das aprendizagens que adquiri e das espectativas futuras para a profissão docente.

Palavras-chave: ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINO; MOTIVAÇÃO; PROFESSOR REFLEXIVO.

Abstract

Probation report is the reflex and testimony of several important moments occurred during this initial process of my graduation: the professional internship which is inserted on the 2nd grade of study's curricular plan, leading to the Master's degree of Primary and Secondary Physical Education Teaching, of Faculty of Sport, University of Porto.

This way, this document pretends to transmit all activity developed by me on the Augusto Gomes School, in Matosinhos, in what concerns to teaching-learning process conduction and also my personal and professional development.

This report is divided in four (4) major chapters.

The first chapter has my biographical background, where I also describe my route as a student and my expectations to this new adventure as a trainee student.

Second chapter describes the Professional Internship context where I made an approach to the referred school as institution, characterizing the environment where I've been inserted.

Then, and on the third chapter, the Professional Practice realization is the highlight of this report. It is, once again divided in three (3) interest areas regarding the teacher's functions: Teaching-learning organization and management, Participation and relationships with the school community and finally, Professional development. Here, I made a reflection about all that I planned and performed during my professional practice.

Lastly, on the fourth chapter, Conclusion and Future Perspetives, there's a synthesis of all the moments of this professional internship and also my personal perspetives to the future.

Keywords: PROFESSIONAL TRAINEESHIP; PHYSICAL EDUCATION; TEACHING; MOTIVATION; REFLECTIVE TEACHER.

Abreviaturas

EP – Estágio Profissional

ESAG – Escola Secundária Augusto Gomes

EF – Educação Física

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

PO – Professor Orientador

PC – Professora Cooperante

EE – Estudante Estagiário

PA – Plano Anual de Educação Física

PAA – Plano Anual de Atividades

MEC – Modelo de Estrutura do Conhecimento

UD – Unidade Didática

DT – Diretor de Turma

PFI – Projeto de Formação Individual

ESJP – Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira

1. Introdução

O presente Relatório de Estágio (RE) está inserido na Unidade Curricular de Estágio Profissional (EP), parte integrante do plano de estudos do 2º Ciclo e conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP). Para que esta experiência tenha sido possível, a Escola Secundária Augusto Gomes (ESAG) merece especial destaque mormente por me ter acolhido ao longo deste ano letivo (2014/2015) neste processo de formação profissional.

Este EP possibilitou-me, enquanto futuro docente, a aproximação ao campo do ensino, ainda que de modo supervisionado e proporcionou-me o desenvolvimento de capacidades indispensáveis para encarar a profissão. Assim, do meu ponto de vista, o EP é uma pré-inserção do estudante-estagiário (EE) no âmbito profissional, permitindo a aplicação prática do conhecimento sobre o ensino-aprendizagem, fomentando uma competência crítica, cabal e adequada e contribuindo para a formação da figura do professor-exemplar, aquele que, por diversas razões, fica sempre na memória dos seus alunos.

Esta prática pedagógica ofereceu-me experiências, vivências, reflexões, dilemas, competências e conquistas a todos os níveis. Foi certamente uma simbiose de emoções, as quais pretendo evidenciar neste documento e as quais asseveram que "não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma" (Fávero, 1992, p.65).

Ora, facilmente se depreende da leitura dos precedentes parágrafos, que estamos diante de um projeto que divulga o meu progresso cognitivo, profissional e de vários outros e não menos importantes aspetos como a capacidade de liderança, organização e autonomia, tratando-se, por efeito, de

uma obra com cariz pessoal. Neste sentido, o relatório, mais do que um momento de inspiração, espelha todo o processo contínuo de formação e aplicação de conhecimentos adquiridos ao longo de cinco anos de estudo (três licenciatura e dois de mestrado).

Chegado aqui, torna-se pertinente referir que este RE é composto por quatro distintos capítulos, sendo que cada um deles incide sobre diferentes temas e matérias alusivos ao percurso da minha prática enquanto estudante-estagiário.

O primeiro capítulo, referente ao Enquadramento Biográfico, descreve a minha passagem e expectativas decorrentes desta aventura enquanto docente. Para impulsioná-lo, almejei descortinar a função do estágio na construção inicial de agentes educativos, bem como, o papel determinador que este ocupa na formação de uma identidade e aptidão profissional ao longo da vida académica do professor.

Para além do supracitado, e numa introspeção educativa, o presente capítulo, originou o seguinte estudo de investigação: "A influência das instalações desportivas na motivação dos alunos e na atuação do professor de educação física". Este tema desdobra-se numa problemática transversal a muitas escolas um pouco por todo o país e prende-se com o facto de as instalações desportivas, pouco adequadas à lecionação das aulas de educação física, afetarem os índices motivacionais dos alunos e a atuação do professor.

No segundo capítulo refiro o Enquadramento do EP. A este propósito, é feita uma abordagem à escola, caracterizando o contexto escolar em que me inseri. Não descurando, para o devido efeito, uma análise quer da instituição de ensino que me acolheu, quer da turma que me ocasionou os vastos momentos de aprendizagem no decorrer deste processo de formação profissional.

O terceiro capítulo concerne à realização da prática profissional. Esta define-se como o auge do meu RE e abrange as três áreas de interesse referentes às funções do docente, sendo elas: 1) organização e gestão do ensino e da aprendizagem; 2) participação na escola e relações com a

comunidade; e 3) desenvolvimento profissional. Neste capítulo, realizei uma reflexão acerca de tudo aquilo que projetei e levei avante durante a minha prática profissional, tendo por base, os não poucos, episódios de autoanálise, aqueles que, por vários motivos, deram azo à construção da minha identidade pedagógica.

Por fim, o quarto capítulo destina-se à conclusão e às perspetivas futuras, onde elaboro uma síntese de todos os momentos vividos no EP, não descurando uma breve menção acerca das minhas expectativas para o futuro.

O EP possibilitou-me a aquisição e desempenho de uma ligação intrínseca e fortalecedora com a profissão de docente, vivenciando de perto, a prática pedagógica e as suas concernentes e amplas funções, tendo sempre como padrão a influência recíproca e diária dos demais docentes que, além de terem um papel fulcral na instituição onde se inserem, mostraram-se imprescindíveis no desenvolvimento deste meu processo de formação profissional.

Toda esta prática, facilmente promoveu a ambição de querer, incessantemente, aperfeiçoar e lapidar as capacidades adquiridas e alcançar novas competências ao longo da minha prática pedagógica.

2. Enquadramento Biográfico

2.1. O meu percurso

O meu nome é Diogo Martins, nasci a 3 de setembro de 1987 e sou natural de S. João da Pesqueira, distrito de Viseu.

Apesar de ter crescido numa localidade do interior onde as modalidades desportivas não eram abundantes, surgiu em mim desde pequeno o gosto pelo desporto. Apesar de nessa altura possuir uma compleição física franzina e uma estatura pouco acentuada para a idade, sempre fui muito ativo e exigente na minha prática desportiva, fosse na escola ou na rua com os amigos.

Comecei a praticar andebol federado quando ainda frequentava o 1º ciclo, uma vez que, na altura, era a única modalidade desportiva disponível para a minha idade.

Mais tarde, já no 3º ciclo na escola EB 2,3/ Sec. de S. João da Pesqueira, os meus pais decidiram proibir-me de praticar andebol como castigo, face às más notas, e incentivaram-me a praticar natação mas de forma lúdica. Embora gostasse de praticar esta modalidade e o meu desempenho escolar tivesse melhorado, não me sentia realizado. Faltava-me a competição, o espírito de equipa dos desportos coletivos e a companhia dos meus colegas de escola já que, nenhum deles praticava esta modalidade, motivos que ditaram o meu abandono da natação.

A minha entrada no ensino secundário no curso Cientifico Natural, despertou em mim o interesse por mais uma modalidade desportiva, o futebol. A partir deste momento e permanecendo ainda nos dias de hoje, o futebol tornou-se o meu desporto de eleição.

Mais tarde, os meus pais decidiram matricular-me no Externato Pedro Nunes em Vila Nova de Gaia, com o propósito de concluir o 12º ano e ingressar posteriormente no Ensino Superior. A partir deste momento, deixei de praticar a minha modalidade favorita como federado e comecei a jogar

futsal ocasionalmente com os amigos, ajudando os mais novos com mais dificuldades na prática desta modalidade.

Este “percalço desportivo” não me desanimou, muito pelo contrário, fez com que visse o desporto de outra forma, ou seja, não como atleta mas sim como educador, dando um sentido mais pedagógico e lúdico à prática desportiva.

Chegado então o momento de decidir, não hesitei: “quero ser Professor de Educação Física”.

Após o término do ensino secundário, ingressei no curso de Educação Física e Desporto no Instituto Superior da Maia. Em 2011 terminei a Licenciatura e devido à dificuldade em obter trabalho via ensino, estive 2 anos a trabalhar na área vinícola. Após alguma reflexão e ponderação decidi não deixar cair por terra o sonho de ser professor de Educação Física (EF), e inscrevi-me no Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), no qual me encontro, com empenho e dedicação, pois ser professor, é a profissão que mais ambiciono vir um dia a exercer.

2.2. Expectativas sobre o Estágio Profissional

O Estágio Profissional, que complementa a minha formação inicial, foi porventura a batalha mais exigente com que me confrontei ao longo destes dois anos de mestrado e onde os conhecimentos/conteúdos teóricos e práticos adquiridos anteriormente, foram postos à prova.

Apesar das expectativas que tinha para este ano serem muitas, foi com alguma ansiedade e nervosismo que me preparei para enfrentar esta nova etapa na minha vida em relação ao Estágio, alunos, professores e respetiva comunidade educativa. Sentimentos que ao longo do meu percurso como formando percebi serem comuns à maioria dos meus colegas estagiários.

O momento que mais receava era o primeiro contacto com a turma, pois o medo de falhar e de não ser capaz de demonstrar aos alunos a pessoa dedicada e empenhada que sou, poderia fragilizar-me num momento tão importante como este.

Contudo, este primeiro impacto revelou-se uma experiência rica e diversificada que me direcionou para algumas reflexões sobre como pretendo melhorar e aperfeiçoar a minha prática pedagógica enquanto futuro docente, através de métodos, competências e conteúdos aprendidos até então.

Daí a necessidade da implementação de princípios pedagógico-didáticos adequados, corretos e coerentes que permitam aos alunos o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das suas capacidades/competências, através de uma estimulação contínua para a prática da EF, sendo esta uma preocupação que me acompanhou ao longo do EP.

A realidade escolar e o conhecimento dos alunos são dois pontos que à partida me despertaram mais ansiedade e curiosidade já que foi particularmente em função destes parâmetros que procurei desenvolver a minha estratégia de ensino. Potenciar da melhor forma estas condições, foi um grande desafio a cumprir.

Se por um lado a relação professor/alunos é um aspeto crucial para o bom funcionamento da disciplina de Educação Física, por outro lado o conhecimento prévio das condições físicas e materiais da escola não é menos importante. O meu objetivo foi sempre criar relações sadias, cordiais e respeitosas com os alunos, esperando reciprocidade e disponibilidade que, a par das condições materiais, me permitiriam desenvolver fluidamente o meu trabalho com sucesso.

O meio e contexto escolar que esperava encontrar foram também aspetos que me preocuparam inicialmente já que, a realidade observada após da primeira visita à ESAG, foi totalmente diferente do que tinha idealizado. A falta de instalações próprias para a realização das aulas de Educação Física, originada pela paragem na remodelação do pavilhão da escola, requereram um esforço acrescido, um maior trabalho em planear as aulas e capacidade de algum improviso.

Em relação ao Núcleo de Estágio, as expectativas foram superadas na medida em que, rapidamente me apercebi da boa disposição e partilha de ideias, predominante no decorrer deste percurso. Apesar disso, nem sempre os trabalhos de grupo foram tidos em conta pelos meus colegas, o que me levou por diversas vezes, a adotar um método de trabalho mais individual. Porém não posso deixar de salientar que os meus colegas do núcleo de estágio tiveram um papel importante na minha formação.

O apoio da Professora Cooperante (PC) e do Professor Orientador de Estágio (PO) não defraudou as minhas expectativas, muito pelo contrário, mostrou ser um apoio primordial na minha aprendizagem no decorrer do ano letivo, orientando e ajudando a solucionar os problemas que foram surgindo, promovendo uma boa relação entre estagiário, PC e PO.

A relação com a comunidade escolar, desde o grupo de EF, os assistentes técnicos e operacionais, a direção e os demais elementos do corpo docente, superou as minhas expetativas iniciais tendo sido muito bem recebido por todos eles. A ajuda e disponibilidade que sempre me prestaram, proporcionou-me aprendizagens e experiências únicas, permitindo-me alcançar objetivos nunca antes idealizados.

Este foi um ano repleto de desafios onde senti a necessidade de desenvolver as competências que tinha e adquirir aquelas que ainda não possuía. Fui constantemente contagiado pela inconformidade relativamente aos factos e pela necessidade de uma constante reflexão crítica e aperfeiçoamento pessoal. Foi desta forma que as expetativas iniciais se foram confirmando, através de pequenas conquistas, alcançadas todos os dias.

2.3. Valores, ideias e atitudes assimiladas, adquiridas e efetivamente demonstradas ao longo do processo de Estágio.

Por via do fenómeno de aculturação de que todos sofremos influência, entrei para este ano de Estágio dotado de valores, ideias e atitudes, que, ao longo da minha vida, fui adquirindo. Com o desenrolar do ano letivo, desenvolvi eficazmente elementos que fomentaram o desenvolvimento ou mutação desses ideais. Procurei demonstrar em que nível "eu" me posicionava quanto aos valores adquiridos e que ideias me dominavam, tendo em vista o meu futuro profissional de Professor.

Procurei ser transparente nas minhas opiniões e atitudes, clarificando todos os meus objetivos a quem trabalhou comigo e tendo sempre como referência os valores que defendo como fundamentais nesta nossa existência.

Os alunos constituíram-se como uma "folha em branco", na qual desenvolvi as minhas competências como Professor/Educador. Estes possibilitaram-me a transposição da teoria à prática, quer em situações previstas, quer em situações inesperadas, obrigando-me a uma tomada de consciência e de decisão perante as mesmas, nas quais tive sempre presente os meus valores, ideias e atitudes adquiridos.

Penso que, durante o EP, demonstrei aos que estiveram comigo neste percurso, que sou detentor destes valores, tendo-os evidenciado através das minhas atitudes de forma transparente, junto de todos os elementos da comunidade escolar: os meus alunos, o meu OE, a minha PC e os meus colegas do Núcleo de Estágio.

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1. Enquadramento conceptual

Segundo Albuquerque (2003, p.33), "(…) uma orientação conceptual inclui uma visão de ensino e aprendizagem e uma teoria de como aprender a ensinar". No entanto, prefiro entender esta ideologia de uma forma muito mais pessoal.

O papel do professor não se cinge apenas ao ensino de alguns conteúdos; ser professor é lidar com cada pessoa como um só, respeitando a sua forma de ser e incutindo-lhe valores morais e sociais. Foi neste sentido que eu procurei orientar a minha prática pedagógica ao longo de todo o estágio, pois considero esta, a etapa mais importante que integra a formação de competências profissionais.

O EP é um momento crucial na vida do EE: trata-se da etapa de transição estudante/professor bem como de uma fase de tensão marcada por aprendizagens intensivas, onde o EE desenvolve, reflexivamente, o seu saber.

A aquisição de conhecimentos e competências proporcionadas pelas vivências ao longo destes últimos 4 anos de formação (formal e informal), encontram-se agora adequados a um contexto real de prática profissional. O EP pode, assim, ser definido como um período de convergência ou confronto entre os saberes "teóricos" da formação inicial e os saberes "práticos" da experiência profissional e da realidade social do ensino (Pierón, 1996).

A ação do professor é baseada num contexto teórico, mas é função do mesmo interpretar e aplicá-la em sala de aula de acordo com as diversas situações que lhe são confrontadas.

Desta forma, torna-se fundamental ao EE estabelecer uma passagem sólida entre o "saber" e o "saber-fazer", ou seja, adequar os conhecimentos teóricos à realização de uma prática dinâmica e inovadora, para o desenvolvimento de um sentido crítico e reflexivo, no âmbito da sua integração

gradual na profissão pois, tal como nos diz Albuquerque (2003, p.58) “o saber adquirido na prática pelo exercício da reflexão na ação e sobre a ação, representa o estádio de conhecimento que permite o saber-fazer responsável, indutivo e adequado a cada uma e a todas as situações de ensino”.

Assim, a introspeção torna-se uma peça fundamental no EP, como promoção de “professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional” (Nóvoa, 1992, p.27).

Refletir acerca do próprio desempenho é um ato que requer coragem, determinação, capacidade crítica e, acima de tudo, humildade de modo a reconhecer e consciencializar os principais problemas, de forma a poder propor possíveis soluções para os mesmos e, assim, definir linhas de orientação e atuação.

A premência de refletir sobre a prática leva o professor reflexivo a agir autonomamente e de acordo com as necessidades de cada aluno e de cada situação, na escola em geral e na sala de aula em particular.

Na opinião de Feiman-Nemser (1990, p.222) “aprende-se a ensinar através de uma combinação de experiências diretas e interações com colegas e mentores sobre situações problemáticas”. Neste contexto, o professor cooperante (PC) assume um papel determinante ao acompanhar e supervisionar o EE na construção do processo reflexivo. As reflexões realizadas após a observação da aula quer pelos colegas de estágio, pela PC quer pelo PO, surgem com o objetivo de reorientar a sua prática letiva como docente, numa perspetiva de avaliação formativa, atendendo à sua aspiração profissional.

Desta forma, posso dizer que o período que vivenciei neste EP foi um tempo de reflexão e de investigação, que me permitiram não só, desenvolver os meus conhecimentos, as minhas capacidades e aptidões, como também me fez crescer como pessoa.

3.2. Enquadramento Legal e Institucional

No que se refere ao enquadramento legal, o EP é uma unidade curricular inserida no 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP. Segundo o artigo 1 do seu regulamento, *a Iniciação à Prática Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da FADEUP integra o Estágio Profissional – Prática de Ensino Supervisionada e o correspondente Relatório de Estágio, rege-se pelas normas da instituição universitária e pela legislação específica acerca da habilitação profissional para a docência* (Matos 2014, p. 2). [1]

A estrutura e funcionamento do EP é regido pelas normas da FADEUP, em concordância com o regulamento geral dos segundos ciclos da Universidade do Porto, bem como pelo regulamento do 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário e pelas orientações legais constantes do Decreto-lei nº 74/2006[2] de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007[3] de 22 de fevereiro.

Este atual modelo de estágio foi instituído pela primeira vez no ano letivo de 2009/2010, e marca uma mudança relativamente às políticas ligadas ao ensino superior dos 45 países envolvidos na sua criação, ficando a partir deste momento estabelecido um espaço europeu de Ensino Superior comum a todos estes países.

O EP processa-se ao longo do terceiro e quarto semestres do 2º ciclo de estudos, sob a supervisão do PO da FADEUP e com a tutela da PC do estabelecimento de ensino onde se realiza o EP. Este último exerce um papel de grande importância na avaliação do desempenho dos estudantes-

---

[1] Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

[2] Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (2006). Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março. Diário da República, 1ª Série, nº 70, 2242-2257.

[3] Ministério da Educação (2007). Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro. Diário da República, 1ª Série, nº 38, 1320-1328.

estagiários (EE) bem como na formação inicial e nas ações que com eles desenvolve diariamente.

A cada EE foi atribuída uma turma, assumindo todas as responsabilidades que lhe estão inerentes, no sentido de promover a sua autonomia como docente.

A nível institucional, e de acordo com as Normas Orientadoras do Estágio Profissional, este *entende-se com um projeto de formação do estudante com a integração do conhecimento proposicional e prático necessário ao professor, numa interpretação atual da relação teoria prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar. O projeto de formação tem como objetivo a formação do professor profissional, promotor de um ensino de qualidade. Um professor reflexivo que analisa, reflete e sabe justificar o que faz em consonância com os critérios do profissionalismo docente e o conjunto das funções docentes entre as quais sobressaem funções letivas, de organização e gestão, investigativas e de cooperação* (Matos, 2014, p 3). [4]

O documento contempla três grandes áreas de desempenho:

Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem;

Áreas 2 – Participação na escola e relação com a comunidade;

Área 3 – Desenvolvimento profissional.

A Área 1, está centrada nas tarefas de ensino, mais especificamente na organização e gestão do ensino e aprendizagem, ou seja, a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino. Tem como objetivo construir uma estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que respeite o conhecimento válido no ensino da EF e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de EF.

[4] Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

A Área 2, reporta-se para a participação do EE na escola e relações com a comunidade, ou seja, engloba todas as atividades não letivas realizadas pelo EE, tendo em vista a sua integração na comunidade escolar e que, simultaneamente, contribuam para um conhecimento do meio regional e local. Tem como objetivo contribuir para a promoção do sucesso educativo, no reforço do papel do professor de EF na escola e na comunidade local, bem como da própria disciplina de EF, através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora.

Por fim, a Área 3, baseia-se no desenvolvimento profissional do EE, isto é, engloba as atividades e vivências importantes na construção da sua competência, na perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional e promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais. Tem como objetivo perceber a necessidade do desenvolvimento profissional do EE partindo da reflexão acerca das condições e do exercício da atividade, da experiência, da investigação e de outros recursos de desenvolvimento profissional. Trata-se, no fundo, de investigar a atividade em toda a sua abrangência (criar hábitos de investigação/reflexão/ação).

3.3. Enquadramento Funcional

O EP qualifica-se como um projeto de formação que *visa a integração no exercício da vida profissional, de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo* (Matos, 2014, p. 2). [5]

[5] Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

3.3.1. Posicionamento enquanto estagiário da disciplina de Educação Física

A educação constitui-se como um processo dinâmico e contínuo ao longo da vida, visando contribuir para que o processo de socialização dos jovens se concretize no desenvolvimento de atitudes, valores e comportamentos sociais ajustados ao contexto em que se inserem. Um dos objetivos essenciais da disciplina de EF como elemento integrante e transversal à disciplina do currículo de cada aluno, nomeadamente na área de formação geral, é o de uma perspetiva de formação integral do indivíduo que crie condições ideais para o seu desenvolvimento sócio-afetivo, pessoal e social.

As reuniões de Grupo Disciplinar e de Departamento são essenciais para que se apliquem as estratégias individuais e coletivas em cada turma. Pressupõem um trabalho colaborativo, de supervisão e partilha entre pares para uma maior eficácia pedagógica.

Foi com base nestes pressupostos que enquadrei o meu posicionamento enquanto estagiário da disciplina de EF, procurando expor, como docente reflexivo, o meu ponto de vista, argumentando da melhor forma possível e esclarecendo, constantemente, as minhas dúvidas.

No decorrer deste ano letivo, fui evoluindo com os erros e com os conselhos da PC e do PO, moldando a minha forma de abordar os conteúdos e de enfrentar as dificuldades. Procurei sempre transpor os conhecimentos adquiridos para a realidade como professor tendo sempre presente que a EF tem como responsabilidade preparar os alunos para a vida ativa no seu percurso como pessoas saudáveis.

3.3.2. Caracterização da Escola Secundária Augusto Gomes

O meu Estágio decorreu na escola Secundária Augusto Gomes, que é uma escola com autonomia e de ensino oficial público. Abrange o 3º ciclo e o ensino secundário e conta com cerca de 1300 alunos provenientes, na sua maioria, da freguesia de Matosinhos. Está localizada no centro da cidade de Matosinhos. É uma cidade pertencente ao distrito do Porto, Região do Norte e sub-região do Grande Porto. O seu município compreende uma área com 62,3 km² e 175 478 habitantes (dados de 2011), e é limitado a norte pelo município de Vila do Conde, a nordeste pela Maia, a sul pelo Porto e a oeste pelo oceano Atlântico.

O município de Matosinhos abrange três cidades nomeadamente, Matosinhos, São Mamede de Infesta e Senhora da Hora, e quatro agrupamentos de freguesias:

- União das Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões;
- União das Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira;
- União das Freguesias de Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo;
- União das Freguesias de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora.

Quanto à história da ESAG: entre 1964 e 1972 exerceu funções no antigo edifício do Tribunal de Matosinhos como secção do Liceu Normal D. Manuel II (atual escola Secundária de Rodrigues de Freitas). Foi a partir desta secção que nasceu, em 1972, nas atuais instalações, esta escola com a designação de Liceu Nacional de Matosinhos. Mais tarde, em 1979, passaria a chamar-se Escola Nº 2 de Matosinhos, e, em 1989, receberia a designação de Escola Secundária de Augusto Gomes - Matosinhos. Em 2002 o nome passaria a ser Escola Secundária 3º ciclo Augusto Gomes. O nome Augusto Gomes deve-se à valorosa tradição artística da escola e à homenagem a um grande pintor matosinhense, de seu nome Augusto de Oliveira Gomes.

Por fim, em 2008 recupera o nome de Escola Secundária Augusto Gomes e que se mantém até aos dias de hoje.

A nível socioeconómico, Matosinhos tem sido ao longo dos tempos um município muito industrializado, dando grande ênfase ao setor terciário. Contudo, as petrolíferas são um legado resultante da evolução. As indústrias alimentares e conserveiras, os têxteis e material elétrico, o comércio tradicional, a restauração, bem como a grande atividade piscatória (em que se destaca o imponente Porto de Leixões, o segundo maior porto artificial de Portugal) são também fatores determinantes na estabilidade económica do município.

Infelizmente, em conformidade com outros grandes centros urbanos, tem-se vindo a sentir uma forte desocupação e degradação da zona habitacional do centro histórico, que se estende até à periferia.

É também nesta cidade que se localiza o maior recinto de feiras empresariais do país, a Exponor.

Recentemente, a 27 de fevereiro de 2014, no Auditório da Biblioteca Municipal Florbela Espanca, foi realizada uma conferência sobre Economia: "F. Portugal é uma figura de mulher". O evento contou com a “Assinatura do Protocolo de Cooperação Institucional” entre o ISAG e a Associação Empresarial do Concelho de Matosinhos.

Próximo à ESAG destacam-se várias estruturas de diversas entidades, nomeadamente: educativas (particularmente as escolas do agrupamento vertical de Matosinhos e a Escola Secundária com 3º Ciclo Gonçalves Zarco); culturais (Biblioteca Florbela Espanca, Casa da Juventude); administrativas (Câmara Municipal e Junta de Freguesia), judiciais (Tribunal) e desportivas (Piscina Municipal).

No que concerne ao material e infraestruturas para as aulas de Educação Física, a escola carece de um pavilhão gimnodesportivo e também de espaços de lazer essenciais para os alunos relaxarem nos intervalos, visto que as obras de requalificação se encontram paradas, causando grande transtorno tanto aos alunos como aos professores. Desta forma, as instalações que temos disponíveis para a prática da Educação Física são o antigo CRE (centro de recursos educativos), que agora tem sido utilizado como ginásio, embora não existam instalações para tomar banho; o campo de futebol em

sintético da junta de freguesia; a piscina municipal e uma das naves do Centro de Congressos. Quanto ao material, a ESAG encontrava-se muito desprovida deste, por conseguinte, torna-se difícil, não só para mim, mas para todo o grupo de EF, obter as condições de trabalho ideais. No entanto, esta condicionante nunca foi impeditiva de realizar as aulas, muito pelo contrário, "obrigou-nos" não só a despertar o nosso sentido de criatividade e improviso como também a estimular a capacidade de planificação da prática letiva.

A oferta educativa da ESAG, quanto ao ensino básico é ao nível do 7º, 8º e 9º anos. No ensino secundário, as opções são alargadas aos Cursos Científico Humanísticos (Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais) e Cursos Profissionais (Técnico de Comércio, Técnico de Gestão e Técnico de Turismo).

Os Recursos Humanos da ESAG são compostos por um vasto número de docentes e, antagonicamente, um reduzido número de assistentes operacionais e técnicos que, em conjunto, trabalham diariamente para o seu bom funcionamento, proporcionando conforto e boas condições para a prática do ensino e aprendizagem.

A minha primeira impressão sobre esta escola foi, claramente, a melhor. Fui muito bem recebido, tanto pelos professores, como pelos assistentes técnicos e operacionais que, rapidamente, se prontificaram em ajudar no que fosse preciso, desejando-me um bom ano de trabalho. Também o grupo de EF, composto por 10 professores, 3 dos quais estudantes-estagiários, me recebeu da melhor forma, permitindo uma rápida e agradável integração no grupo.

Com a evolução do ano letivo, e uma vez que existia maior ligação e maior conhecimento entre todos, as relações foram alicerçadas. Todos, de uma maneira ou de outra, mostraram-se sempre colaborantes e prestativos.

3.3.3. Caracterização da Turma do 10ºC

A escola é não só, um meio de transmissão de conhecimentos, mas também, uma importante fonte de formação de personalidades e de caráter. Para tal, torna-se imprescindível o conhecimento mais aprofundado dos alunos e das pessoas que com eles vivem bem como das condições de que eles dispõem no seu dia-a-dia e na sua atividade curricular. Ao termos acesso aos aspetos mais relevantes da formação dos alunos, poderemos, de uma forma mais eficaz, antecipar e resolver os problemas que possam surgir e tornar o processo de ensino/aprendizagem mais orientado em relação ao elemento central das nossas preocupações – o aluno.

Costa (1984) afirma que não é exequível estabelecer uma estratégia de ensino ideal, uma vez que, as suas estratégias não disfrutam de um valor intrínseco e, a sua relevância é calculada mediante o contexto de ensino e as especificidades de cada aluno. Assim, a caracterização da turma permitir-me-á, também, refletir sobre a minha atuação como professor, isto é, quais os melhores métodos e estratégias a aplicar, que grupos devo formar durante as aulas para que as tarefas sejam realizadas de forma a garantir a participação ativa de todos, se há ou não alunos que não se encontram inseridos na turma, zelando assim pelo seu bem-estar.

A turma que eu acompanhei durante este EP foi o 10ºC, que é uma turma que se destaca pela sua heterogeneidade quer a nível da aptidão física quer a nível da sua personalidade.

Os dados para a caracterização da turma foram obtidos através do preenchimento de uma ficha individual do aluno no decorrer da primeira aula, que foi elaborada previamente pelo núcleo de estágio da FADEUP. Este documento foi organizado por áreas de interesse, onde estão retratados os dados mais importantes para a integral compreensão dos alunos. As áreas referidas são compostas por: Identificação do Aluno, Agregado Familiar, Encarregado de Educação, Habitação, Transporte, Saúde, Hábitos e Alimentação, Vida Escolar, Educação Física; Vivência Desportiva, Apoio Educativo e Tempos Livres.

Esta turma em EF, inicialmente era composta por 27 alunos, 4 anularam a disciplina durante as primeiras aulas do primeiro período, restando apenas 23 alunos, 12 do género masculino e 11 do género feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. Tendo em conta que, ao longo da minha prática supervisionada a minha prioridade sempre foi a formação de grupos de trabalho mistos e homogéneos, o facto do número de alunos do sexo masculino e feminino ser praticamente idêntico não só facilitou a minha preparação e organização das aulas como também permitiu aos alunos adaptarem-se aos diferentes contextos durante os exercícios e adquirirem uma consciência real do seu desempenho motor.

Quanto aos problemas apresentados pelos alunos, verificou-se que nenhum possuía qualquer tipo de problemas impeditivos para a realização das aulas de EF. No entanto constatou-se um elevado número de alunos com dificuldades de visão (9 alunos).

No que se refere às experiências desportivas e à EF, foi possível verificar que a grande maioria dos alunos praticava ou já tinha praticado algum tipo de desporto fora da escola. Esta informação é muito importante na medida em que permite ao professor organizar o processo de ensino-aprendizagem de uma forma mais elaborada, pois sabe à partida, que tanto os conhecimentos como a capacidade física dos alunos se encontram a um nível mais avançado. Quanto à EF, é de referir que apenas dois alunos não estavam motivados para a disciplina. Coube-me então a mim, tentar perceber as razões para esta falta de interesse e empenhar-me para que, no final deste ano letivo, estes 2 alunos tivessem uma perspetiva diferente da EF e que passassem a desfrutar mais das suas aulas.

O estudo da turma é de vital importância para o pleno desenvolvimento do processo ensino – aprendizagem, para que o professor atinja os objetivos propostos e também com vista a que a relação professor – alunos se caracterize por ser integradora, formadora e produtiva. O meu objetivo também se relacionava com a individualidade de cada aluno, onde se procura referências normativas de forma a conceber uma identificação minuciosa do aluno e uma caracterização global da turma. Esta ficha permitiu-me intervir

com oportunidade e estabelecer com cada aluno uma relação mais individualizada e personalizada.

4. Realização da Prática Profissional

O desenvolvimento de competências e a concretização do EP só foi possível através da execução de um vasto conjunto de tarefas, bem como da procura de respostas em função dos problemas e dificuldades encontradas. O trabalho que me permitiu a obtenção dessas mesmas competências, é essencialmente reflexivo, concebido durante o ano letivo e direcionado apenas a uma só turma. Desta forma, as três áreas que contemplam o EP funcionam como uma orientação que permite estabelecer uma linha condutora de todo o processo de estágio.

No entanto, não podemos pensar que as funções do professor estão apenas limitadas ao trabalho realizado na sala de aula. Dado o conjunto de múltiplas e complexas funções, o papel do professor tem vindo nos últimos anos a sofrer alterações, isto é, passamos de um docente que simplesmente leciona as suas aulas, sem ter muito mais compromissos com a escola, para um professor que, para além das tarefas mencionadas, também possui uma grande quantidade de funções dentro da comunidade escolar. Desde funções administrativas e organizativas às de componente curricular e extracurricular, tais como coordenador de departamento, coordenador de grupo, elemento que integra a avaliação interna e externa da escola, elemento que integra os recursos de exames nacionais, coordenador dos diretores de turma, diretor de turma, realização de matrículas, entre outras.

Assim, hoje em dia, o professor possui um papel mais ativo na gestão e organização da escola, o que representa uma mais-valia para esta, no sentido da sua autonomia.

4.1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Nesta área, irei apresentar a minha atuação individual essencialmente orientada para o contexto de aula, realizada ao longo do EP ao nível da conceção, planificação, realização e avaliação do ensino, sempre com um caráter reflexivo e consciente acerca das estratégias de intervenção e das metodologias de ensino.

A organização e gestão do ensino e da aprendizagem, tem como objetivo a conceção de uma *estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que respeite o conhecimento válido no ensino da Educação Física e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física* (Matos, 2014, p.3). [6]

A contribuição da PC também nesta fase, assumiu um papel de destaque, pois procurou sempre transmitir-me conselhos importantes, provindos da sua vasta experiência docente, sem interferindo em demasia na minha maneira de lecionar, e nunca me dando as soluções, mas sim os ingredientes para eu próprio construir a minha aprendizagem.

Um dos aspetos que considero mais positivos foi a confrontação de opiniões e conceitos, sempre fundamentados, entre EE e PC, provenientes das diversas reflexões realizadas individualmente e em grupo. Este facto permitiu-me estar sempre atento às suas críticas construtivas e opiniões, para que pudesse ter uma melhor consciência do meu trabalho e evoluir de forma a adquirir um espírito crítico, reflexivo e criativo a cada aula realizada.

[6] Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

4.1.1. Conceção

Segundo o projeto de lei N.º 321/IX (2003, p.3) *A educação e a formação, assim entendidas cada vez mais no tempo em que vivemos, são tidas como o processo dinâmico e contínuo, ao longo da vida, que permite a cada individuo desenvolver plenamente as suas capacidades, no plano da vida profissional, pessoal e cívico e possibilita aos jovens que disponham dos instrumentos necessários ao seu permanente e pleno desenvolvimento, naquilo que constitui um verdadeiro desafio de modernidade face ao futuro*. [7]

"Encarar o aluno como um mero agente passivo no processo de ensino-aprendizagem é algo que, cada vez mais, parece estar desajustado da realidade" (Sousa, 2006, p.1), toda a realidade existente contém uma contextualização própria a que nos devemos adaptar, pois, as escolas são diferentes umas das outras, cada região tem uma cultura própria e o contexto nunca é o mesmo. Como tal, as crenças, os hábitos e os valores, são próprios de cada sociedade e devem ser respeitados. Face à particularidade desta escola e meio envolvente, o meu desempenho sempre foi articulado à realidade existente na turma que tive a oportunidade de lecionar.

A conceção na EF deverá estar inerentemente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso "na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores, ('bens de personalidade' que representam o rendimento educativo), proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada – intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa" (Jacinto et al., 2001, p. 4).

A conceção não deve evoluir de forma fechada, isto é, deverá possuir uma competência de desdobramento e de adaptabilidade. Esta não deve estar desagregada da contextualização, pois, sem dúvida, que o meu ensino tem mais sucesso e eficiência se o adaptar à realidade escolar existente.

No entanto, rapidamente percebi que tudo aquilo que aprendi no decorrer do meu percurso académico e que imaginava agora realizar em contexto real, não seria possível concretizar. As limitações encontradas foram

[7] Projeto de Lei 321/IX Altera a Lei de Bases do Sistema Educativo. Assembleia da República.

muitas desde, as barreiras logísticas e materiais que a escola apresenta (no caso da ESAG, por não possuir pavilhão, as alternativas não são as mais adequadas), a falta de motivação e empenho por parte de alguns alunos para a realização das aulas de EF, a organização da escola e o escasso tempo de aprendizagem que o Ministério da Educação impõe. Estas foram algumas condicionantes que eu tive de enfrentar nas primeiras semanas na ESAG e que, certamente, têm a capacidade de afetar o planeamento e a concretização da prática profissional.

Tal como Nóvoa (1992, p.27) refere "as situações que os professores são obrigados a enfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo portanto, respostas únicas", são estas dificuldades que fazem crescer o EE e o tornam num ser reflexivo e apto para encarar as exigências da profissão.

Deu-se então início à minha prática supervisionada da disciplina de Educação Física, que naturalmente originou a análise e a realização de diversos documentos essenciais para a concretização do processo de ensino de forma apropriada e eficaz. Em conjunto com os meus colegas de Núcleo de Estágio, procedemos à realização de um documento de caracterização da escola e do meio envolvente em que esta se insere, com o objetivo de adquirir uma noção clara e antecipada da situação de aprendizagem. Tal facto proporcionou-nos, enquanto EE, um conhecimento acerca da realidade em que vamos trabalhar, facilitando assim, a nossa adaptação a dos próprios alunos. Esta caracterização foi rigorosa e cuidada a fim de incidir positivamente nas programações de ensino, tal como afirma Bento (2003, p.7) "todo projeto de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na conceção e conteúdos dos programas ou normas programáticas de ensino".

Não só a caracterização da escola nos forneceu dados relevantes para a realização da prática, como também a análise individual dos alunos mostrou ser de extrema importância para o processo ensino-aprendizagem, pois permite aos professores da turma encontrarem estratégias adequadas para a concretização de um ensino competente, ou seja, um ensino com um amplo potencial de aprendizagem, com feedbacks eficazes e com um bom clima nas aulas, orientado, sempre que possível, para a autonomia do aluno.

Quanto ao programa nacional de EF, este é considerado um documento oficial de caráter nacional, o qual consiste num guia para a ação do professor que, sendo motivado pelo desenvolvimento dos seus alunos, encontra aqui os indicadores para orientar a sua prática, em coordenação com os outros docentes. Além de isso, constitui-se por um conjunto de objetivos, finalidades, conteúdos, conhecimentos, valores, habilidades e indicações metodológicas para o ensino em cada ano escolar. Assim, ao longo do meu EP, em relação ao Programa e de forma a conciliá-lo com a situação educacional da turma que lecionava, procurei adotar uma posição de conformidade concomitantemente com uma postura crítica.

Numa perspetiva de análise crítica aos programas nacionais, na minha opinião, este documento é bastante audaz para as características dos alunos, isto é, não vai ao encontro das suas necessidades, sentidas nas diferentes fases, uma vez que salta etapas em pontos fundamentais do ensino. Sendo, porquanto, notório o desfasamento que existe entre este guia e a realidade escolar.

Com o intuito de todos os professores partilharem as suas experiências e de trabalharem em sintonia, o grupo de EF realizou várias reuniões que foram bastante proveitosas para mim e para os meus colegas de estágio.

Desta forma, foram-nos transmitidas informações e diversos documentos importantes, incluindo-nos, muitas das vezes, na elaboração dos mesmos, nomeadamente: o Plano Anual de EF (PA), o Plano Anual Atividades (PAA), o Documento Orientador da Disciplina de Educação Física, os Critérios de Avaliação, Regulamento Interno da escola e Grupo de EF, o Roulement dos espaços disponíveis para a realização das aulas. Ao longo do tempo, e de forma progressiva, fui percebendo a importância destes documentos para o eficaz desenvolvimento/aplicação do processo de ensino-aprendizagem, e alguns deles acompanharam-me até ao final do meu EP.

4.1.2. Planeamento

Para Bento (2003), o planeamento condiz com uma antecipação mental do seu ensino, funcionando como uma ponte entre aquilo que se tenciona fazer e aquilo que é efetivamente concretizado na prática.

É nesta fase que são delineadas e organizadas todas as ações que se pretendem realizar ao longo do EP, com o objetivo de antecipar os resultados para que a formação dos conhecimentos seja efetuada de forma sólida e permanente.

Como refere Bento (2003, p.16) "a planificação significa também ligar a própria qualificação e formação permanente do professor ao processo de ensino, à procura de melhores resultados no ensino como resultante do confronto diário com problemas teóricos e práticos."

Neste sentido, com a concretização deste processo, começaram a surgir as primeiras dificuldades referentes à adaptação do Programa Nacional e respetivo planeamento das aprendizagens ajustadas ao nível dos alunos, à definição de objetivos/metas, à elaboração de progressões pedagógicas adequadas a uma boa aprendizagem e a adequação de cada Unidade Didática aos espaços disponíveis. Contudo, estes obstáculos foram-se dissipando de forma gradual à medida que a minha prática docente se foi desenvolvendo, contando com a ajuda da PC para me esclarecer sempre que tinha dúvidas.

Fazendo agora uma análise mais específica do processo de planeamento, no que se refere ao **Plano Anual de EF** (PA), a sua elaboração ficou definida logo no início do ano letivo em reunião de Núcleo de Estágio. A PC sugeriu que este documento fosse elaborado em grupo, adequando-o aos conhecimentos, capacidades e interesses de cada um dos estagiários.

"(…) 2. Informações e esclarecimentos da Professora Cooperante sobre as reuniões intercalares, organização e elaboração do modelo 19 e planificação anual".

(Ata de Núcleo de Estágio nº 6)

O PA possibilita ao Professor estabelecer a simbiose entre o processo de ensino-aprendizagem e as várias áreas que o constituem, sendo uma ferramenta importante para a transferência entre a programação do ensino e a planificação feita pelo docente.

No PA foi feita uma análise minuciosa da disciplina de Educação Física a nível curricular. Neste estudo foram apresentados os conteúdos programáticos a lecionar em cada ciclo de ensino; elaborou-se duas análises (uma acerca da faixa etária prevalecente nos alunos que nos estão destinados e outra sobre as condições locais de lecionação); efetuou-se uma descrição pormenorizada do meio que envolve a escola; indicou-se o número efetivo de dias de aula e de horas a lecionar (blocos de 50 e de 100 minutos); mencionou-se as interrupções escolares e as atividades extracurriculares; e referenciou-se a rotatividade das instalações e do material disponível.

A organização dos espaços físicos para a lecionação das aulas de EF nem sempre foi uma tarefa fácil, pois o número elevado de turmas para tão poucas instalações disponíveis, juntando o facto de estarmos muitas vezes dependentes das condições climatéricas, levou a que tenham sido efetuadas diversas alterações no planeamento.

É de salientar que, o PA foi um instrumento imprescindível ao longo da minha prática letiva, funcionando como um regulador do meu desempenho enquanto docente, levando-me a planear cada aula de uma forma mais específica e coerente.

Depois da realização do PA, o passo seguinte implicou que percebêssemos e delineássemos o que realmente pretendíamos ensinar em cada modalidade e quais as progressões de ensino que, atendendo ao

contexto, mais se aproximam das competências e do nível de desempenho dos alunos.

Foi neste seguimento que procedi à elaboração do **Modelo de Estrutura do Conhecimento** (MEC) de Vickers (1990). O MEC é, sem dúvida, uma ferramenta extremamente útil que me possibilitou definir todo o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que foi a guião pelo qual me orientei durante o ano letivo, permitindo-me preparar, previamente, o melhor caminho a percorrer.

De acordo com os conteúdos apresentados por Vickers, a estruturação do ensino-aprendizagem baseia-se em três fases: análise, decisão e aplicação. O MEC é, outrossim, um momento de reflexão onde estão identificadas todas as habilidades técnicas e táticas de uma modalidade, mostrando os conceitos e questões que se tornam necessárias ensinar para que o aluno alcance o sucesso na disciplina de EF.

Construir um MEC de cada unidade didática nem sempre foi um procedimento simples, apesar de ter sido um processo que envolvesse uma preparação ponderada e esquematizada. O certo é que inicialmente senti algumas dificuldades na elaboração do mesmo, uma vez que, neste tipo de documentos, o seu conteúdo não é padronizado, dito de outro modo, não é fechado a um só caminho podendo conter muitos desfechos e diversas escolhas. Além do que já referi, este documento configura todo o processo de ensino de cada modalidade desportiva, tornando-se menos fácil combinar elementos tais como: o tipo de matéria a ensinar; os critérios de avaliação; e, como anteriormente citei, as progressões pedagógicas (mais adequadas ao nível de conhecimento/desempenho dos alunos).

Com o passar do tempo e com a aquisição de novas competências, as dificuldades, na realização dos MEC, foram sendo suprimidas, dando lugar a um método de trabalho mais simplificado, menos extenso e moroso, orientado para as necessidades, em geral, da turma e, em particular, de cada aluno.

Relativamente às **Unidades Didáticas** (UD), inseridas no módulo 4 do MEC, estas são peças essenciais do programa de uma disciplina uma vez que

disponibilizam tanto aos docentes como aos alunos, etapas claras e definidas do processo de ensino-aprendizagem (Bento, 1998).

Apesar das UD terem sido elaboradas individualmente por todos os estagiários, as questões de ordem terminológica utilizadas e o protótipo das mesmas, foram discutidas e aprovadas em reunião do Núcleo de Estágio. Estas foram definidas em função da disponibilidade dos espaços, bem como do material existente e dos conteúdos e competências a abordar em cada ano escolar. A sua elaboração foi realizada após a avaliação diagnóstica do nível de prestação dos alunos, isto é, observei e registrei a sua prestação motora inicial em cada modalidade, possibilitando um conhecimento aprofundado dos alunos, para que as atividades que pretendia abordar fossem o mais possível adaptadas e adequadas ao nível dos mesmos.

> *"A Unidade iniciar-se-á, de acordo com o programa nacional da modalidade, com uma avaliação diagnostica desta turma, através de situações analíticas e de jogo reduzido, 5x5, onde se pretende aferir os conhecimentos dos alunos e diagnosticar o nível de prestação motora inicial (…) ".*
>
> *(Justificação da Unidade Didática de Futebol)*

> *"Será relevante referir, que tendo em conta a especificidade de cada aluno, este documento poderá sofrer algumas adaptações no sentido de permitir um maior sucesso dos alunos".*
>
> *(Justificação da Unidade Didática de Voleibol)*

Apesar de não ter sentido grandes dificuldades na construção das UD, visto que, no primeiro ano deste mestrado realizamos por diversas vezes este tipo de documentos, as principais dificuldades prenderam-se com a realização da prática letiva e nos ajustes desta ao planeamento da UD previamente

realizado. Não raras vezes, tive a consciência de que a programação inicial poderia, eventualmente, não ser cumprida na íntegra, quer pelo desenrolar da própria unidade quer pela influência de fatores externos impeditivos de realizar as aulas práticas (condições atmosféricas e duas greves gerais).

Ao longo do ano letivo fui também percebendo que, a carga horária seria um fator limitativo do tipo de atividade que pretendia desenvolver, tendo em conta a sequência e extensão de cada conteúdo. Por vezes, fiquei com a sensação de que, com um pouco mais de tempo, poderia proporcionar aos alunos situações de aprendizagem que lhes permitissem uma maior abordagem e dessa forma mais possibilidades de exercitação e consolidação dos conteúdos inerentes a cada modalidade. Esta foi, a minha principal dificuldade relativamente a este processo de planeamento (UD).

Por fim, surge o planeamento de cada aula referente à respetiva UD e que, segundo Aranha (2004) deve seguir uma ordem racional e contínua de forma a dar seguimento lógico aos objetivos estabelecidos na UD e cada aula deve ser planeada tendo em conta as aulas anteriores.

Nas primeiras reuniões de Núcleo de Estágio, e em conjunto com a PC, começamos a definir e a estruturar o modelo do **Plano de Aula,** tomando como referência as categorias transversais que o constituem, nomeadamente a cultura desportiva, condição física, habilidades motoras e conceitos psicossociais.

A aula apresenta uma estrutura tripartida (parte inicial, fundamental e final) segundo Rink (1993), refletindo objetivos distintos da mesma. Assim, tive como objetivo para a parte inicial, a predisposição para a exercitação, preparando os alunos tanto a nível físico como psicológico para a realização das tarefas da aula.

Já na parte fundamental, são aplicados os conteúdos programados, pois de acordo com Bento (1987), é nesta parte que o docente elabora os objetivos e transmite os conteúdos. Nesta fase da aula procurei sempre preparar os conteúdos segundo uma sequência lógica, do mais simples para o mais complexo, proporcionando situações de aprendizagem variadas com elevada densidade motora mas ao mesmo tempo motivantes para os alunos. Devo

também referir que a minha principal preocupação sempre foi o sucesso dos alunos, assim, o meu papel passou por facultar meios aos alunos para que estes atingissem os seus fins e nunca dar as soluções.

> *"(…) os alunos mostraram-se sempre empenhados e motivados, mesmo quando as exigências e as dificuldades por mim impostas aumentaram (…)".*
>
> *(Reflexão da aula nº 2 e 3)*

Na parte final, procurei diminuir progressivamente a carga física, permitindo ao organismo voltar à calma, para além disso, tentei sempre motivar os alunos para a aula seguinte, privilegiando as situações de exercitação que contribuíssem para atingir os objetivos pretendidos.

No entanto, inicialmente, senti alguns medos e receios, muito por culpa da falta de experiência, que me levaram a pensar se estaria a seguir a planificação da aula de forma correta, se os exercícios escolhidos seriam os mais adequados para que determinados objetivos fossem cumpridos ou até mesmo, se o tempo de exercitação era o suficiente para os alunos adquirirem determinados conhecimentos. Por isso, a presença da PC durante a aula e a posterior reflexão da mesma foi fundamental, ao corrigir determinados erros de planeamento e orientando-me para possíveis soluções, permitiu que eu pudesse aumentar a minha confiança e melhorar o meu planeamento aula após aula.

> *"Outro aspeto em que senti alguma dificuldade, e que no final da aula foi refletido com a PC, prendeu-se com o facto de que, ao longo da aula ter realizado demasiados exercícios com os alunos. (…) no final da aula, a PC chamou-me à atenção para outros erros por mim cometidos, como por exemplo, nos exercícios de equilíbrio não ter definido pontos fixos (…)".*
>
> *(Reflexão da aula nº 2 e 3)*

Com o decorrer do EP a construção do plano de aula tornou-se cada vez mais simples e as dificuldades sentidas até então foram gradualmente desvanecendo, tornando a minha lecionação cada vez mais elaborada e eficaz. Hoje sinto-me muito mais competente, confiante e capaz de planear uma aula, graças à experiência e ao meu amadurecimento obtido durante este EP.

4.1.3. Realização

Esta é a fase mais importante de todo o meu percurso enquanto aluno de mestrado, trata-se do momento por que tanto ansiava e desejava enfrentar. Apesar dos medos e receios iniciais, vivenciei a minha prática docente de forma atenta e progressiva, sempre com o acompanhamento da PC ao longo de todo este processo, especialmente, na fase que considero mais difícil, a adaptação inicial.

Matos (2014, p.4), refere, como fase de realização, *conduzir com eficácia a aula, atuando de acordo com as tarefas didáticas e tendo em conta as diferentes dimensões da intervenção pedagógica*. [8]

Acredito que o recurso a diferentes estratégias permite aos conteúdos alcançarem objetivos mais amplos e diversificados. Para além da preocupação em proporcionar uma aprendizagem global aos alunos (como já referido anteriormente, partindo dos conteúdos mais simples para os mais complexos), tentei garantir um elevado nível de atividade, de consciência e de criatividade do aluno na aprendizagem das diferentes habilidades. Respeitei as particularidades de cada escalão etário na escolha dos exercícios, definição dos objetivos e dosagem das cargas (individualização do ensino). Fomentei as capacidades e talentos dos alunos, procurando diminuir os atrasos e

[8] Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

retrocessos na aprendizagem, isto é, considerei os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos nas várias atividades propostas na aula.

Com a realização das aulas, tentei criar formas agradáveis de trabalho com o objetivo de desenvolver as capacidades dos alunos, dotá-los de noções básicas sobre a matéria e motivá-los para a atividade. A criação de rotinas de trabalho também foi uma estratégia adotada de forma a proporcionar um tempo de empenhamento motor mais elevado, reduzindo, desta forma, os tempos de deslocamento e de espera.

Os alunos da turma que lecionei (10ºC) ainda se encontram em plena formação e desenvolvimento. Neste sentido, a condução do meu ensino foi orientada para atividades que visaram estimular as suas capacidades cognitivas e motoras. Tentei direcionar a minha atuação para aspetos fundamentais do desenvolvimento integral do aluno, estimulando o sentido de responsabilidade, o espírito de entreajuda e a autonomia, desenvolvendo a educação da vontade e do caráter.

A minha condução pedagógica foi, sempre que possível, individualizada, garantindo a cada aluno um nível elevado de formação corporal e desportiva. Procurei dar prioridade à utilização de formas lúdicas, pois o sucesso que o aluno terá na sua aprendizagem irá depender, em grande parte, das condições de informação e do estímulo. Sabendo que a imagem visual é captada com maior facilidade pelos alunos, procurei exemplificar os exercícios para que estes percebessem a sua dinâmica de forma mais rápida e concisa.

Todo o meu percurso será retratado mais à frente, onde irei recorrer, muitas das vezes, às minhas reflexões das aulas como justificação para a minha atuação durante este ano letivo. Estas reflexões, contribuíram não só para a evolução da minha prática pedagógica como também, na aquisição de uma atitude critica e reflexiva, que procurei manter no decorrer do meu EP. Tal como Matos (2014, p.2) refere nas Normas Orientadoras do Estágio Profissional, *a competência profissional assenta no desenvolvimento de*

competências pedagógicas, didáticas e científicas, associadas a um desempenho profissional crítico e reflexivo (…).[9]

4.1.3.1. Saber Comunicar e Instruir

No ensino das atividades físicas e desportivas é importante que haja uma correta comunicação pois esta constitui-se como um dos elementos decisivos da eficácia pedagógica (Rosado e Mesquita, 2009).

Uma das capacidades que caracteriza a excelência de um docente é a sua habilidade em comunicar e instruir. Esta competência não só é essencial para transmitir os conteúdos aos alunos mas também para alcançar um bom relacionamento entre todos os intervenientes que fazem parte do processo de ensino.

É indispensável, portanto, que o professor seja um bom veículo da informação necessária a uma eficaz situação de ensino-aprendizagem. Nesta perspetiva, ao longo do meu EP tentei utilizar uma linguagem objetiva e simples, adequada ao escalão etário dos alunos facilitando, desta forma, a perceção da informação por parte dos mesmos.

Apesar disso, rapidamente percebi que teria de evoluir na minha forma de atuar na sala de aula: os erros iniciais que cometi, por inexperiência, no decorrer da minha instrução à turma, teriam de ser corrigidos rapidamente iniciando assim, um processo evolutivo sem retorno.

> *"O maior obstáculo por mim encontrado foi durante a comunicação, visto que, dentro das instalações da piscina, existe demasiado ruido, aliado ao facto de que os alunos com touca e dentro de água têm*

[9] Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

alguma dificuldade em me ouvir, tornando a comunicação mais complicada".

(Reflexão da Aula nº 11 e 12)

Sinto que cresci velozmente a este nível. Desde logo, adotei novas estratégias e métodos para que a minha comunicação com os alunos fosse realizada de forma efetiva. Foi exemplo disso, a utilização de uma voz de comando eficaz, instrução aos alunos de forma sucinta e objetiva, disposição destes na sala de aula para que todos me pudessem ver e ouvir. Procurei tornar todo este processo uma rotina diária que me acompanhou até ao final do EP.

Estas estratégias potenciaram as minhas intervenções na aula, permitindo obter com mais regularidade a atenção dos alunos e facilitando a realização dos exercícios.

"Relativamente à instrução, esta foi clara e objetiva, os alunos cumpriram facilmente com o que foi proposto".

(Reflexão da Aula nº 20)

"Quanto à instrução, procurei sempre faze-lo de forma clara e objetiva; sempre que alguma coisa não estava a correr bem, parava o exercício para instruir novamente os alunos da forma como o exercício deveria ser executado".

(Reflexão da Aula nº 42)

Quanto ao feedback pedagógico, fazendo parte do processo de instrução, este é, para Mesquita (2005), uma reação que o professor tem relativamente a um comportamento motor do aluno.

Assim, logo que identifiquemos uma situação passível de ser corrigida é importante que sejamos rápidos e assertivos no momento de intervenção. Contudo, isso só será possível, se houver um conhecimento aprofundado da matéria por parte do docente, de forma a que este se sinta seguro e confortável na sua ação evitando, assim, induzir em erro os próprios alunos. Neste sentido, antes de cada UD lecionada, procurei informar-me sobre as matérias que iria abordar, partindo para a aquisição de novos conhecimentos e relembrando outros tandos aprendidos nas disciplinas de Didática Especifica do ano anterior.

> *"Apesar de recorrer com alguma frequência aos conhecimentos e matérias de ensino desenvolvidas e assimiladas na faculdade, nem sempre estes conhecimentos satisfazem as necessidades inerentes à prática, e que, em boa verdade, é bem diferente da teoria".*
>
> *(Auto Avaliação 1º Período)*

Por outro lado, considero que, para além de transmitirmos aos alunos os conhecimentos teóricos adquiridos referentes às matérias a lecionar, é também vital fornecer experiências pessoais, enriquecendo ainda mais o seu processo de instrução.

> *"(…) tento sempre transmitir aos alunos, um pouco da minha experiência pessoal, dos conhecimentos adquiridos diariamente, para que o processo de ensino-aprendizagem se torne menos complexo para os alunos".*
>
> *(Auto Avaliação 1º Período)*

Uma vez que os feedbacks podem ser considerados como situações demonstrativas de sentido crítico, então, estas foram uma constante ao longo

de todo o ano letivo, uma vez que, sem a sua utilização, não existiria evolução qualitativa dos alunos.

> *"Nesta aula optei por dar mais feedbacks aos alunos durante os exercícios, tendo surtido efeito na maioria dos casos. Acredito ser um momento importante de aprendizagem já que, a natação, é uma modalidade com muitas componentes técnicas e com muitos pormenores específicos, e é fundamental a rápida intervenção por parte do professor".*
>
> *(Reflexão da Aula nº 17 e 18)*

Durante o EP os feedbacks emitidos por mim foram dirigidos quer para a turma no geral, quer sobre formas individualizadas (aluno). Estes ocorreram em diferentes formatos: verbais, visuais e quinestésicos, corretivos, positivos e negativos.

No que se refere aos feedbacks verbais, tive em consideração a intensidade e a colocação do tom de voz. De facto, devido aos alunos estarem, muitas vezes, a fazer demasiado barulho, foi difícil gerir estes fatores.

Os feedbacks visuais pretendiam dar complemento aos verbais e eram transmitidos através da demonstração do exercício efetuada por mim e/ou pelos alunos, de preferência, aqueles com melhores competências motoras na modalidade em questão.

> *"(…) procurei cativar a atenção dos alunos durante a instrução através da demonstração (…)".*
>
> *(Reflexão da Aula nº 17 e 18)*

Durante a minha atuação na aula, facilmente reparei que, nos períodos de instrução e em conjunto com a demonstração, os alunos permaneciam atentos durante mais tempo, captavam melhor a informação e,

consequentemente, aplicavam na prática os conhecimentos de forma correta e eficaz.

Em relação aos feedbacks quinestésicos, foram efetuados em situações de manipulação, em que eu intervinha diretamente e individualizadamente sobre o aluno a ser corrigido.

Quanto ao feedback emitido ao desempenho do aluno, tentei sempre fazê-lo pela positiva, elogiando-o pelo seu esforço ou motivando-o para o próximo desempenho. Em situações de alguma perturbação, procurei ser assertivo com aluno individualmente, ou em grupo (turma), se a situação assim o exigisse.

Após algumas aulas, percebi que esta interação professor/aluno, que tenho vindo a referir em momentos importantes da aula, como a fase inicial e a fase fundamental, faria também sentido na fase final. Assim sendo, passei a realizar nesta parte final, uma breve reflexão sobre os conteúdos lecionados e preparando a próxima aula.

> *"No final da aula realizei uma breve reflexão com os alunos com o objetivo de esclarecer eventuais dúvidas sobre os conteúdos abordados, corrigir certos comportamentos e motiva-los para a próxima aula. Esta foi a primeira vez que o fiz, mas acredito que este momento tem um impacto significativo nos alunos, e por isso, irei continuar a terminar as minhas aulas desta forma".*
>
> *(Reflexão da Aula nº 16)*

Os resultados obtidos nas aulas seguintes foram muito significativos, os alunos já não cometiam os mesmos erros e era possível verificar um aumento gradual nos índices motivacionais. Assim, esta estratégia passou a fazer parte de todas as aulas até ao fim do ano letivo.

4.1.3.2. Saber Organizar e Gerir

A Gestão, fazendo parte das funções do professor, é um dos aspetos fundamentais para o sucesso da aula, estando intimamente relacionado com os aspetos espácio-temporais, materiais, características da turma, dos alunos e das atividades.

Assim, é importante que o EE domine diversos aspetos inerentes à gestão da aula, como é o caso do tempo de empenhamento motor, verificação da disponibilidade e organização de todo o material necessário, o espaço e o tempo previsto para a concretização da aula e a realização de transições entre tarefas rápidas e eficientes. Por conseguinte, o processo de organização da aula torna-se muito mais simplificado, promovendo o controlo e a disciplina da turma.

Para que esta gestão seja eficaz torna-se fundamental criar rotinas de organização e métodos de trabalho de acordo com a realidade em que estamos inseridos, como por exemplo, aquisição de um processo de chamada rápido, definir sinais de atenção, colocação do professor no espaço de aula de forma correta, emissão de feedbacks no momento apropriado. No entanto, para que estes fatores ocorram com sucesso durante a aula, é necessário não só seguir corretamente o seu plano, mas também, preparar antecipadamente o espaço, solicitar o material necessário e organizá-lo de acordo com os objetivos pretendidos. Seguindo esta organização da aula, ocorre uma diminuição de perdas de tempo entre tarefas evitando quebras de ritmo na atividade, difundindo a fluidez da aula e consecutivamente os comportamentos de disciplina, uma vez que a estrutura da aula já se encontra previamente estabelecida.

No início da minha prática, centrava-me demasiado no cumprimento dos exercícios implícitos no plano de aula fazendo com que, por vezes, não conseguisse cumprir o planeamento até ao fim, o que me proporcionava um sentimento de frustração no final da aula.

"A gestão da aula de natação foi um pouco afetada pelo seu término antecipado, uma vez que tivemos de ceder as duas pistas a que tínhamos direito. Irei preparar a próxima sessão tendo em conta esta situação".

(Reflexão da Aula nº 14 e 15)

Com o apoio da PC e das reflexões realizadas consegui planear melhor as minhas aulas e passei a conjugar racionalmente o número de exercícios e a sua complexidade com o tempo necessário para a sua correta concretização. A diminuição dos exercícios, aliado à utilização de variantes, permitiu-me encadear melhor a transição entre cada exercício sem comprometer a aprendizagem dos alunos e gerir eficazmente o tempo global da aula. Ao elaborar uma sequência lógica dos exercícios consegui uma certa continuidade na organização da aula, evitando também os problemas relacionados com a colocação do material. A partir desta evolução todo o processo de lecionação tornou-se para mim muito mais espontâneo e autónomo.

"Um aspeto que pretendo aperfeiçoar nas próximas aulas prende-se com a estruturação dos exercícios, será melhor incluir mais variantes ao longo de um exercício, mantendo os alunos empenhados e motivados, ao invés de incluir demasiados exercícios, para que não efetuem durante muto tempo os mesmos movimentos.".

(Reflexão da Aula nº 5 e 6)

"Penso que a organização da aula foi bem conseguida, preparei o material antecipadamente, e explorei ao máximo o espaço disponível. Estruturei a aula de forma a que os alunos efetuassem atividades lúdicas entre cada exercício, para que pudessem descansar em repouso ativo. A gestão da aula, foi feita de forma correta, visto que, esta foi preparada já a pensar no tempo que foi reduzido na última aula e que, à partida, irá continuar assim".

(Reflexão da Aula nº 27 e 28)

A gestão da aula não se cinge apenas à preparação antecipada do material. A sua arrumação, no final de cada aula, foi também uma das minhas preocupações. Desde o início do ano letivo que procurei estimular o sentido de responsabilidade dos alunos na participação, sem exceções, da arrumação do material utilizado. Isto permitiu-me ter mais tempo para organizar a fase final da aula e controlar visualmente a turma, uma vez que, é neste período que muitos alunos aproveitam para ter comportamentos incorretos com os colegas e, em casos extremos, com o professor.

> "(…) é de referir que utilizei racionalmente o espaço disponível, bem como todo o material necessário para o bom funcionamento da aula. Esta terminou no tempo previsto com a arrumação do material por parte dos alunos".
>
> *(Reflexão da Aula nº 48)*

Depois de dominar os processos de gestão do espaço e materiais bem como do tempo de aula, pude então focar-me mais no empenho motor dos alunos. Assim sendo, uma das formas de organização das aulas de desportos coletivos (Voleibol, Andebol, e Futebol) que mais contribuiu para a elevada densidade motora foi a utilização de determinadas estratégias, como é o caso da realização de jogos reduzidos. Nesta situação, o trabalho em equipa e a competição proporcionou aos alunos um aumento considerável na sua motivação e concentração.

> *"Quanto ao jogo reduzido final de 5x5, foi o momento mais esperado pelos alunos, o entusiasmo e o esforço foi notório durante o exercício"*.
>
> *(Reflexão da Aula nº 55 e 56)*

Nas aulas de Ginástica de Solo e de Acrobática optei pelo trabalho por estações e/ou circuito mantendo todos os alunos em atividade. Este tipo de

trabalho permitiu ainda a consciencialização dos alunos relativamente às questões de segurança, criando neles um espírito de maior autonomia. Por outro lado, aumentou o meu controlo sobre a turma, já que esta está dividida em pequenos grupos, possibilitando também, níveis de dificuldade diferenciados em cada tarefa.

4.1.3.3. O Clima e a Disciplina na sala de aula

Devemos entender o clima como uma interação sócio-emocional concebida e realizada na sala de aula, e que inclui diversos elementos que interagem entre si (Arroyo, 2009).

Segundo Gomez (2005) este é, uma construção originada pelas relações sociais estabelecidas pela turma, pelo pensamento de cada aluno e os seus valores.

Relativamente à disciplina, entende-se como um fenómeno que é inerente à sociedade e ao sistema de ensino e, caracteriza-se pela produção e manutenção de comportamentos adequados (Aires, 2010).

Em comparação com as restantes disciplinas do currículo educativo, aula de EF é, na minha opinião, a que mais está vulnerável à ocorrência de comportamentos de indisciplina devido ao contexto onde ocorrem as aulas ser completamente diferente das outras disciplinas (pavilhões desportivos, espaços amplos, manuseamento de diversos materiais), e também às características da própria aula que promove uma maior interação entre alunos, a formação de grupos de trabalho e irremediavelmente, a maior ocorrência de contato físico.

Assim sendo, a relação que o professor estabelece no início do ano letivo com os seus alunos determina grandemente o clima e a disciplina da sua aula, uma vez que, ao proporcionar ao aluno a oportunidade de realizar tarefas inovadoras, diferentes das tradicionais, fortalece o bom relacionamento professor/aluno, proporcionando um clima de confiança e de respeito

recíproco. Neste sentido, acreditei desde o primeiro dia que o meu sucesso na aula dependeria em grande parte das relações que estabeleceria com os alunos.

Apesar de nunca ter tido grandes problemas no controlo da turma, trabalhei no sentido de formar em mim uma postura de liderança privilegiando o respeito entre pares, o trabalho em equipa e a individualidade dos alunos.

> *"Nas aulas não tive grandes dificuldades em manter a turma controlada, a existência de um bom relacionamento com os alunos tem sido fundamental para manter os índices motivacionais elevados. A intervenção responsável e contextualizada tem também contribuído para a o sucesso educativo".*
>
> *(Auto Avaliação 1º Período)*

> *"Relativamente ao controlo disciplinar, felizmente continuei a não sentir qualquer dificuldade com a turma em que lecionei, podendo mesmo referir que a empatia entre mim e os alunos demonstrou ser bastante boa, o que provoca um clima saudável nas aulas".*
>
> *(Auto Avaliação 3º Período)*

A ideia de indisciplina nem sempre está ligada ao mau comportamento na sala de aula. No entanto, o facto de o aluno não querer participar nas atividades com os colegas e de não estar motivado e empenhado na tarefa, pode originar uma quebra no funcionamento natural da aula, e por sua vez, gerar conflitos internos causadores de comportamentos impróprios.

A constante monitorização da turma assume, assim, um papel preponderante na manutenção da disciplina na aula, pois os alunos ao sentirem-se observados e controlados, aliado à previsão e antecipação de possíveis situações de maus comportamentos poderá reduzir significativamente a ocorrência de situações indesejadas.

A procura de estratégias para aumentar, ainda mais, a motivação dos alunos e o bom clima da aula, foi um substrato incessantemente presente no meu percurso. Assim sendo, promovi algumas atividades nomeadamente competições inter e intra turma, nas diversas modalidades, aumentando o entusiasmo e o empenho dos alunos. Procurei também, que todas as aulas terminassem de forma agradável e animada para que os alunos guardassem uma boa recordação da mesma e ficassem com vontade que a aula seguinte chegasse rapidamente.

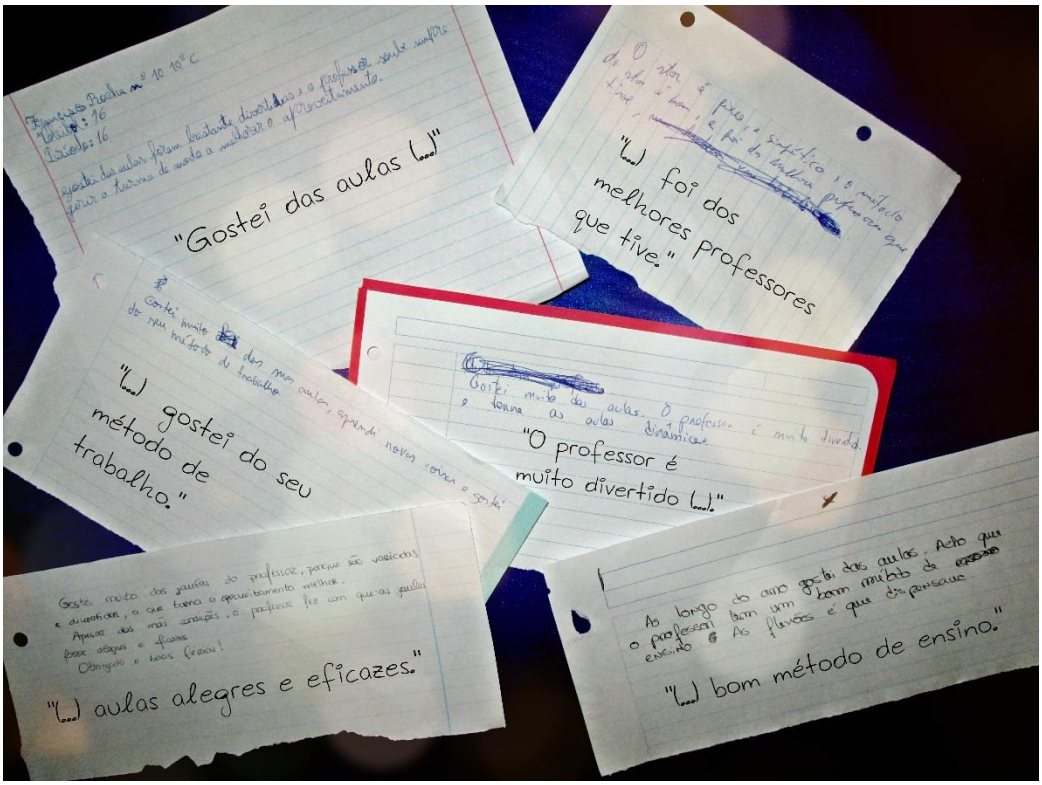

Figura 1- Hétero avaliação dos alunos em relação à minha prática docente

Todos estes aspetos mostraram-se fundamentais para o sucesso das minhas aulas e para o bem-estar dos alunos. Penso que a observação da sua evolução é a principal recompensa que um professor pode ter em termos de trabalho docente. É extremamente benéfico reconhecer que existem mudanças visíveis nos alunos, sejam estas comportamentais, motoras, cognitivas ou sociais, e que de certa forma, contribuí para que estas se verificassem.

Julgo ter sido, ao longo do ano letivo, assertivo em momentos críticos de possível ocorrência de comportamentos inadequados, garantido o controlo da turma de forma satisfatória. Desta forma consegui o respeito da turma do 10ºC e ao mesmo tempo uma cumplicidade na procura do desenvolvimento quer da personalidade, quer na forma de estar na sala de aula.

> *"Em suma, a aula correu de acordo com o planeado, não houve casos evidentes de perturbação, terminando sem que tivesse tido qualquer tipo de problemas com o controlo da turma".*
>
> *(Reflexão da Aula nº 81)*

4.1.3.4. Recetividade e execução de práticas inovadoras em Educação (Criatividade)

A criatividade e a inovação são ingredientes capitais no desempenho do professor nos dias de hoje. Esta criatividade, estando ela um pouco ainda ligada à gestão da aula, fez parte do meu percurso como EE, em especial no início da minha prática docente, pois como já referi anteriormente, a ESAG dispunha de precárias condições logísticas e materiais para a lecionação das aulas de EF. Assim, e de forma a que a aprendizagem dos alunos não fosse prejudicada, rapidamente percebi que a criatividade é um processo fundamental na atuação do professor e que me iria acompanhar não só neste primeiro ano de estágio mas seria também uma importante ferramenta ao longo de todo o meu percurso profissional, uma vez que o meio onde iremos trabalhar futuramente nem sempre está de acordo com as nossas expetativas.

Uma das principais lições que o estágio me deu foi a de que não existem obstáculos, adversidades ou dificuldades que justifiquem o nosso não empenhamento perante a função docente que nos está destinada. A criatividade que apliquei, nomeadamente na adequação aos mais diversos

fatores, como o escasso material disponível para o elevado número de alunos por turma, os espaços reduzidos e condicionados para a realização da aula e a busca incessante de atividades motivadoras, fez-me perceber que o meu maior instrumento será sempre a criatividade e que o único material didático-pedagógico indispensável é o professor, pois só este poderá providenciar o restante material.

> *"(…) foi necessário fazer uma alteração relativamente ao previsto, ou seja, criar em metade do terreno de jogo, um outro exercício (…), desta forma foi possível manter a dinâmica do exercício sem afetar os índices motivacionais dos alunos. A minha capacidade de improviso foi assim posta à prova, e penso que esta dificuldade foi superada sem problemas de maior".*
>
> *(Reflexão da Aula nº 4)*

Apesar da minha inexperiência na prática pedagógica, um dos meus objetivos foi sempre estar recetivo a práticas que se mostrassem inovadoras, criativas e motivadoras.

Graças aos conselhos e sugestões do PO, da PC e dos meus colegas estagiários procurei ser criativo na aplicação de novas práticas, mesmo quando a face visível das mesmas, fosse apenas o jogo. A verdade é que inerente a qualquer jogo estão inseridos conceitos mais simples e relacionados com a técnica e tática da própria modalidade. Este método é ainda justificado pela realização pessoal dos alunos, adequação do processo ensino/aprendizagem ao ritmo individual de cada aluno e potencialização das situações de finalização/sucesso/motivação/interesse. Para além disso, recorri a diversas outras estratégias: jogos reduzidos, simplificados e condicionados (com vista a um ensino motivador e atento às necessidades de cada aluno), bem como exercícios de complementaridade que, apesar de geralmente serem de caráter analítico, foram adaptados, estando mais próximos da estrutura lúdica. Paralelamente procurei planear sempre atividades diferentes e

motivadoras que levassem os alunos à aquisição dos objetivos essenciais num ambiente alegre e propício à aprendizagem.

Só através de situações renovadoras, adaptadas e criativas é possível fornecer aos alunos aquilo que eles precisam e da forma que eles mais gostam. Sublinho que estas estratégias só foram possíveis graças aos conselhos das pessoas acima referidas e das observações das aulas a que assisti.

Como instrumento de conhecimento e avaliação, a observação é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem devendo ser atenta e consciente por parte do EE.

As aulas por mim observadas e as sugestões dos elementos do núcleo de estágio à minha intervenção no processo de ensino-aprendizagem, foram indispensáveis para me conhecer melhor como docente. Este facto contribuiu para uma tomada de consciência do meu ritmo de trabalho, das minhas limitações e da forma como posso desenvolver as minhas competências e alargar os meus conhecimentos.

Todos aqueles que observaram as minhas aulas analisaram os seus pontos positivos e negativos, sempre com a preocupação de sugerir novas estratégias e formas de atuação, para a melhoria das minhas futuras intervenções. Do mesmo modo, a observação as aulas dos meus colegas permitiu-me visualizar possíveis alterações e mesmo erros que também cometi nas minhas aulas, criando deste modo um espírito crítico, que beneficiou o meu trabalho como docente.

4.1.4. Avaliação

A avaliação, segundo Arends (2008), é tida como um processo onde se atribui um valor ou se decide acerca do desempenho de um aluno. Assim sendo, esta desempenha uma função de aquisição das informações essenciais à tomada de decisão. É um elemento regulador e impulsionador do processo

de ensino, revelando ser um fator essencial do ato educativo. Sem a presença da avaliação, não seria possível identificar se a atuação do professor foi ou não eficaz, na verdadeira aprendizagem do aluno.

Segundo Mesquita (2013, p.6) a avaliação "trata-se de um trabalho de discriminar e catalogar informação e de tomar decisões, com base em critérios explícitos e implícitos (…), é uma atividade subjetiva, envolvendo, mais do que medir, a atribuição de um valor de acordo com critérios associados a problemas técnicos e éticos".

Desta forma, a avaliação desempenha no processo ensino-aprendizagem, um papel central, isto é, a partir dos resultados da avaliação são tomadas decisões importantes. Por isso mesmo, esta tem um caráter não só sumativo, mas também regulador de toda a atividade académica do professor e do aluno.

Pode ser dividida em:

- A autoavaliação (que é também uma avaliação formativa) – que possibilita tanto ao professor como ao aluno, ter conhecimento do sucesso de todo o trabalho efetuado até então e que estratégias se deve incrementar ou alterar, o que deve ser feito para retificar ou melhorar o seu comportamento, atuação e empenho na aula.

- Avaliação Diagnóstica – é uma análise dos conhecimentos e competências, que o aluno deve ter, para dar início à aquisição de novas aprendizagens. Este processo pode ser realizado no início de cada UD, ao longo desta ou no fim do ano letivo, sempre que forem introduzidas novas aprendizagens. Os resultados obtidos desta avaliação devem conceder ao professor, informações essenciais que permitam determinar a evolução de cada aluno.

- Avaliação Formativa – este tipo de avaliação tem um caráter sistemático e contínuo e o seu objetivo passa por informar os professores, alunos e até mesmo os encarregados de educação, relativamente à qualidade do processo de ensino-aprendizagem e

ao cumprimento, ou não, dos objetivos previamente definidos no início de cada UD. Esta pode realizar-se de forma: contínua e pontual; intercalar e final.

- Avaliação Sumativa – ocorre geralmente no final de cada período letivo, de cada ano e de cada ciclo de ensino. Esta avaliação consiste numa síntese final relativamente às aprendizagens adquiridas pelo aluno e possui um caráter global.

No entanto, a avaliação não pode ser entendida apenas como um aglomerar de técnicas espaçadas no tempo, mas mais do que isso, é um processo de caráter contínuo que privilegia um ensino de qualidade e uma aprendizagem de sucesso. Por não ser uma tarefa simples, especialmente para mim, que não tinha experiência neste campo, a avaliação implica, segundo Aranha (2007), uma observação minuciosa da turma, condição indispensável para analisar e avaliar com sucesso o desempenho dos alunos, tornando-se assim, um processo exigente para o professor, que requer um grande sentido de responsabilidade e competência.

O processo avaliativo possibilita ao docente estabelecer objetivos suscetíveis de serem atingidos, tendo em conta a aptidão e as necessidades de cada aluno. Para que uma avaliação seja eficaz, é necessário então, estabelecer uma ligação direta entre o seu processo e os objetivos específicos da aprendizagem que irão ser avaliados. Assim sendo, a nota final de cada UD, é o resultado do progresso (ou não) do aluno, verificado através de uma avaliação contínua.

Ao longo deste ano letivo percebi que, no sentido da avaliação ser justa e imparcial, seria imperativo realizar um bom trabalho reflexivo, para o qual as reuniões individuais com a PC e as observações das aulas realizadas pelos meus colegas de Núcleo de Estágio, tiveram um grande contributo. A partir daqui, procurei, sempre que possível, adaptar a minha atuação na aula e a dos alunos, de forma a permitir o ajuste das múltiplas estratégias de ensino-aprendizagem ao ritmo de cada um.

Quando me deparei pela primeira vez com a situação de avaliação, senti-me inseguro perante tal responsabilidade, uma vez que os critérios a considerar eram demasiado importantes. No entanto, após refletir acerca do que teria de ser feito, procedi, em conjunto com os restantes elementos do Núcleo de Estágio, à elaboração das grelhas de avaliação diagnóstica para cada UD, tendo em conta as habilidades motoras e os critérios de êxito que pretendíamos avaliar (baseado nos programas nacionais de EF). Para Ribeiro (1999), o objetivo da Avaliação Diagnóstica é a de aferir o nível de conhecimentos, de acordo com as novas aprendizagens, não descurando as anteriores que lhes irão servir de base para o futuro.

Como já referi anteriormente, a avaliação não é um processo de fácil execução, requerendo muita concentração e disciplina. Inicialmente senti algumas dificuldades naturais pela falta de experiência, das quais é exemplo o facto de ainda não conhecer os alunos, ser obrigado a recorrer com frequência às suas fotos e, naturalmente, perdendo muito tempo no processo. Senti que, inicialmente, este procedimento prejudicou o meu método avaliativo, uma vez que era incapaz de refinar a minha observação relativamente ao desempenho dos alunos, de modo a poder fazer o registo dos seus comportamentos com mais exatidão.

No entanto, considero que a experiência, o tempo, e o aprofundar de conhecimentos foram aliados para adquirir a objetividade necessária para desempenhar tal tarefa e avaliar os alunos nos conteúdos programáticos que lhes tinha exigido e transmitido durante o ano letivo.

Antes

"A maior dificuldade por mim encontrada foi o preenchimento da ficha de avaliação diagnóstica, primeiro devido à falta de experiência, e depois ao facto de ainda não conhecer alguns alunos, tornou a tarefa mais complexa e morosa do que o prognosticado".

(Reflexão da Aula nº 4)

Depois

"O sistema de avaliação, processou-se de forma mais rápida e eficiente do que na última aula, pois, esta foi a minha segunda avaliação a esta turma e como tal, conhecia a maior parte dos alunos e já estava mais habituado ao método de avaliação".

(Reflexão da Aula nº 5 e 6)

Após identificar o nível de prestação inicial dos alunos, e num momento em que me senti perfeitamente capaz, procedi à divisão da turma por níveis em algumas UD, uma vez que a turma apresentava níveis de aptidão motora muito díspares. Esta diferenciação permitiu a cada aluno, uma aprendizagem enriquecedora ao trabalharem os conteúdos de forma distinta ou, por vezes, idêntica mas em diferentes contextos. Foi um trabalho exaustivo, tanto na preparação das aulas como na realização das mesmas onde dispensei muita atenção aos diversos grupos de trabalho, no entanto, os resultados obtidos foram realmente compensadores. Os alunos evoluíram significativamente mesmo em ritmos de aprendizagem desiguais.

"Quanto aos exercícios, estes resultaram muito bem, em parte, devido, à divisão da turma em dois níveis distintos. Desta forma, os alunos com menor capacidade motora, puderam focar-se mais nas suas dificuldades sem prejudicar o desempenho dos restantes colegas mais evoluídos tecnicamente. Assim, a aula teve um rendimento muito distinto, foi possível realizar todos os exercícios previstos a um ritmo bastante elevado e com mais oportunidades de aprendizagem".

(Reflexão da Aula nº 54)

Em relação à Avaliação Formativa, Ribeiro (1999), afirma que o seu objetivo passa por reconhecer o domínio atingido pelo aluno durante uma UD e, neste sentido, determinar as dificuldades, proporcionando-lhe soluções essenciais para a sua aprendizagem.

Esta avaliação é, então, efetuada durante a UD e pode ser do tipo formal ou informal. Durante a minha lecionação dei preferência à avaliação formativa informal, onde não possuía um instrumento de avaliação específico. Contudo, este processo desenvolveu-se a partir da minha observação do desempenho dos alunos na aula e das reflexões realizadas no final desta, onde eram discutidos os melhores e os piores momentos, o que teria de ser melhorado e quais os alunos que mais se destacaram ao longo da aula, especialmente aqueles que tiveram um bom desempenho. De seguida, e já fora do ambiente escolar, registava estes dados nas minhas anotações e relatórios de aula para que fossem, mais tarde, tidos em conta na avaliação final de cada UD e de cada período.

Quanto à Avaliação Sumativa e, segundo o mesmo autor, Ribeiro (1999), esta avaliação pretende ajuizar o progresso do aluno no final de uma UD, comparando com os resultados de avaliações anteriores e obter informações que permitam aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem.

Trata-se da modalidade de avaliação que melhor permite uma decisão em relação à progressão ou à retenção do aluno, pois confronta resultados globais, permitindo averiguar a evolução de um aluno relativamente a um conjunto de objetivos previamente estabelecidos.

Com o objetivo de avaliar as aprendizagens dos alunos e aferir a sua progressão ou regressão procedi, no final de cada UD, à respetiva avaliação sumativa, tendo sido realizada formalmente e atribuída uma classificação de carater quantitativo. No dia da avaliação, para que não houvesse interferência tanto a nível psicológico como motor dos alunos, tentei manter o formato original da aula, o que permitiu uma avaliação segura, consciente e precisa.

Apesar disso, nas primeiras avaliações sumativas, senti algum nervosismo. O receio de poder não estar a ser criterioso e justo o suficiente, fez-me estar mais concentrado na minha tarefa, o que por vezes, prejudicou a minha atenção aos demais elementos da turma. Em reflexão com a PC, pude reconhecer a origem das minhas falhas, resultando assim, numa abordagem ao processo de avaliação de uma forma mais simples e organizada. Percebi, através da minha curta experiência docente que, independentemente do

sistema de avaliação adotado, não se pode afirmar qual o método mais justo e eficaz para avaliar uma turma, mas pelo contrário, podemos escolher aquele que nos transmite maior estabilidade e confiança na avaliação, para que este processo seja, para nós e para os alunos, o mais seguro e honesto possível.

Com o intuito de avaliar os saberes teóricos e reforçar a avaliação sumativa, realizei no final de cada período um teste escrito, para que pudesse perceber com mais exatidão o nível de conhecimentos teóricos que os alunos tinham aprendido das diferentes UD abordadas.

Por fim, e no meu entender, é através da observação contínua e sistemática que se deve proceder à avaliação dos alunos. Nesta perspetiva os alunos foram avaliados segundo três grandes componentes, a componente cognitiva (o saber), a componente motora (o saber fazer) e a componente sócio-afetiva (o saber estar).

4.2. Participação na Escola e Relações com a Comunidade

O objetivo desta área baseia-se, essencialmente, em *contribuir para a promoção do sucesso educativo, no reforço do papel do professor de Educação Física na escola e na comunidade local, bem como da disciplina de Educação Física, através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora*[10] (Matos, 2014, p. 6).

A participação dos professores na vida escolar deve ser entendida como algo mais do que uma simples transmissão de conteúdos e cumprimento de programas. É preciso dar vida à escola!

A evolução pelo qual está sujeito o EE, passa não só pela sua atuação na sala de aula mas também, pela sua integração e atuação junto da comunidade escolar.

[10] Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

Quando entrei na ESAG pela primeira vez, não imaginava que a minha adaptação ao meio escolar, ainda que de uma forma progressiva, fosse tão rápida e bem-sucedida. Para isso, muito contribuíram, todos os elementos constituintes desta comunidade, em especial, o grupo de EF e os assistentes técnicos e operacionais, pois foi com estes, que passei a maior parte do meu tempo na escola. A simpatia, o apoio e a disponibilidade que me prestaram diariamente, foi uma mais-valia para o sucesso da minha integração no meio escolar.

As reuniões de grupo de EF foram fundamentais, não só para a minha inserção na escola, como também para participação e atuação neste meio. Nas reuniões, sempre tive a oportunidade de participar ativamente sem restrições, especialmente na planificação e realização das atividades previstas para este ano letivo, incluídas no PAA.

Ao longo de todo o ano, o grupo de EF organizou e colaborou em diversas atividades, que tinham como objetivo base, a dinamização da escola e de toda a sua população e a difusão da adoção de hábitos de vida saudáveis através da prática desportiva. Entre elas destacam-se: o Desporto Escolar, o Ténis de Mesa, o Atletismo e Corta Mato Escolar, o Torneio Bola na Barra e os Torneios Inter-Escolas Secundárias do Concelho de Matosinhos.

Apesar dos problemas logísticos que, de alguma forma, afetaram a realização destas atividades e de muitas outras que poderiam ter sido concretizadas, parece-me ser de extrema importância a realização destes eventos, pois de uma forma ou de outra, conseguem movimentar toda a comunidade escolar em busca dos seus objetivos.

Em todas as atividades realizadas este ano letivo na ESAG, procurei empenhar-me ao máximo tanto na participação como na organização.

A primeira atividade em que eu participei foi o Desporto Escolar. Após as primeiras reuniões de grupo de EF, ficaram definidas as modalidades em que a escola iria participar e os elementos que iriam integrar cada equipa. De entre as três possibilidades apresentadas, sendo elas, o Atletismo, o BTT e o Ténis de Mesa, este último foi aquele em que eu me senti mais à vontade para poder dar o meu contributo. Neste sentido, ficou estabelecido que iria integrar

a equipa do desporto escolar e acompanhar os treinos semanais nesta modalidade.

O papel que desempenhei nesta iniciativa, contribuiu para o desenvolvimento do aluno, tanto no domínio das habilidades motoras como a nível socioafetivo, promovendo o espírito de cooperação e participação de uma forma empenhada, alegre, divertida e gratificante. Preocupei-me também, em fortalecer os laços existentes entre aluno/professor e a relação aluno/comunidade escolar, com o objetivo de contribuir para que a escola se torne num local mais atraente para os estudantes.

Esta experiência foi uma mais-valia para a minha aprendizagem. Permitiu-me compreender de perto o funcionamento do desporto escolar, o papel do professor na dinamização e incremento desta atividade, bem como a importância que esta suscita no desenvolvimento dos jovens e na promoção da competição saudável.

A segunda atividade em que participei foi o Corta-Mato Escolar, organizada pelo grupo de EF no início do 2º período. Apesar de não se tratar de uma atividade da responsabilidade direta do núcleo de estágio, o mesmo esteve presente, prestando apoio em todas as provas realizadas.

Devido à falta de instalações, a prova realizou-se no Parque da Cidade no Porto, que reunia as condições essenciais para a concretização deste evento.

Depois de preparado o percurso, a cada elemento da organização, que incluía todos os professores de EF e alguns assistentes técnicos e operacionais da escola, foi-lhes atribuída uma tarefa. Quanto a mim, fiquei responsável pelo posto de controlo, onde tinha a função de impedir que os alunos desrespeitassem o percurso pré-definido.

Não foram registados grandes incidentes, tendo a prova decorrido como planeado. Os alunos mantiveram-se até ao fim com uma enorme satisfação em participar, e com uma alegria contagiante.

Esta iniciativa tem como principais objetivos proporcionar uma vivência positiva da atividade física, colocando os alunos em contacto com a natureza

e, perante estas situações, contribuir para a exploração e desenvolvimento das suas capacidades motoras. Outro dos nossos grandes objetivos foi o de proporcionar um espaço de lazer e de convívio a todos os participantes, deixando uma marca de referência quer do grupo, quer do núcleo de estágio de EF.

As comemorações dos "dias de encontro" realizaram-se durante dois dias. As aulas deram lugar a várias atividades, divididas em diversos painéis organizados por professores e alunos, onde não faltou a música, o teatro, exposições, jogos, a gastronomia, o desporto, entre outros. Estes eventos contaram com a presença de todos os alunos da escola, professores, assistentes operacionais e técnicos, pais e amigos. Apesar de se desenrolar num ambiente menos formal, apelou-se a uma participação responsável e favorável à construção e dinamização de outros saberes.

"Pretende-se com estes dias repensar a escola, um espaço dinâmico, interativo, rico em diversidade, alegre, experimental e, por isso, também de aprendizagem". [11]

O núcleo de estágio teve uma participação ativa neste evento, ao organizar o torneio Bola na Barra. A sua preparação iniciou-se com a formulação do regulamento, das fichas de pontuação e, mais tarde, a elaboração dos cartazes alusivos à atividade.

O torneio decorreu no campo de futebol da Junta de Freguesia de Matosinhos no dia 20 de março e foi pensado tendo em conta os recursos disponíveis. Mais uma vez, cada elemento do núcleo teve uma função específica a desempenhar. Enquanto a PC e os meus colegas estagiários ficaram encarregues da pontuação e de avaliar a trajetória da bola (de futebol), com o objetivo de em remate acertar na barra da baliza contrária. Já eu, estive a controlar a zona de remate, para que nenhum aluno desrespeitasse o regulamento.

Uma vez que esta foi uma atividade exclusivamente da responsabilidade do núcleo, devo confessar que, para além de ter sido muito prazeroso fazer

[11] Dias de Encontro. Consult. 16 Jun 2015, disponível em http://www.escolaaugustogomes.pt/index.php/noticias/261-diasdeencontro15

parte da sua organização, foi também extremamente motivante ver os alunos cheios de energia e entusiasmo, quer a participar, quer a apoiar.

Os torneios Inter-Escolas Secundárias de Matosinhos, com o patrocínio da Câmara Municipal, foram a última atividade na qual estive presente, contudo, foi o evento desportivo que mais me marcou ao longo deste ano de estágio.

Estas atividades foram realizados no concelho de Matosinhos e organizados pelas seis escolas secundárias que o constituem. Cada escola ficou incumbida de organizar o torneio de uma modalidade que, no caso da ESAG, foi o voleibol. Têm como objetivo incentivar a prática desportiva nas diferentes modalidades a um elevado nível competitivo. Concretizou-se com a organização de 12 torneios, sendo 6 (seis) do género masculino e os restantes do género feminino, nas modalidades de: Andebol, Atletismo, Badmínton, Basquetebol, Voleibol e Futsal.

Fiquei, em conjunto com outro professor do Grupo de EF, responsável pela modalidade de futsal, tendo a função de treinar as equipas masculina e feminina, bem como, apoiar o professor na orientação das mesmas, para os jogos a realizar na Nave Prof. Costa Pereira.

O Futsal e o Futebol sempre foram as minhas modalidades preferidas, aquelas que mais pratiquei e treinei em toda a minha vida, como tal, senti que tinha de estar à altura do desafio que me foi proposto. Procurando pôr em prática os meus conhecimentos referentes a esta modalidade, trabalhei com afinco para que, em equipa, conseguíssemos atingir os nossos objetivos.

Uma vez que, o espirito competitivo, de sacrifício, de empenho e de orgulho pela escola que representam, esteve sempre presente em todos os momentos deste evento, pude perceber no decorrer dos torneios, que estes são, para grande parte dos seus intervenientes (professores, alunos e pessoal do staff), muito mais do que uma mera participação.

Apesar de todo o nosso esforço, a equipa de futsal masculina não conseguiu ir além da fase de grupos. Pelo contrário, a equipa feminina chegou à final e venceu, trazendo a taça, pelo quarto ano consecutivo, para a ESAG.

Este foi um dos momentos mais intensos por que passei desde que começou o EP, senti-me extremamente orgulhoso de todos os alunos que fizeram parte das equipas, em especial, da feminina pelo excelente trabalho e dedicação que as levaram até à vitória.

Os alunos mostraram-se sempre disponíveis para trabalhar e para aprender, criando um clima de amizade onde a aprendizagem mútua foi uma agradável constante.

Todas estas experiências vieram trazer uma nova dinâmica e uma perspetiva diferente à minha vivência escolar.

O trabalho que desenvolvi, bem como a preciosa ajuda de todo o pessoal de assistentes técnicos e operacionais, foram relevantes para o bom funcionamento destas atividades. Além de isso, importa referir que a ajuda, a orientação e o dinamismo da PC, bem como do grupo de EF, foram sem dúvida importantíssimos para a adequação de algumas atividades. Reconheço o gosto e a simpatia que os mesmos demonstraram desde sempre.

E no que concerne aos alunos que participaram nas atividades propostas, verifico que houve uma grande recetividade da sua parte, uma vez que, ainda hoje, me cumprimentam sempre que me vêm.

O ambiente de harmonia e de entreajuda vivido nestes eventos, será uma das boas memórias que irei levar comigo.

Assim, em hora de balanço, fico satisfeito pelos resultados obtidos e pela oportunidade que me foi dada de participar como professor-treinador neste género de atividades, que afinal não são assim tão difíceis de desenvolver como podem parecer à primeira vista.

4.2.1. O papel do Diretor de Turma

Durante este ano letivo, tive o privilégio de poder acompanhar o trabalho do Diretor de Turma (DT), através das diversas reuniões de conselho de turma ao longo dos três períodos letivos.

Segundo a *Portaria nº242/2012 de agosto, o concelho de turma é constituído pelos professores de todas as disciplinas da turma, sendo o diretor de turma, o responsável máximo deste grupo. Cabe à direção da escola/agrupamento, a nomeação deste cargo*[12].

De entre as várias funções que o conselho de turma desempenha, a deliberação em relação à avaliação dos alunos, é considerada uma das mais importantes. Neste processo, cada professor de cada disciplina apresenta ao conselho de turma, uma proposta da avaliação interna de cada aluno, cabendo a este órgão decidir em consenso geral, ou por votação, se assim o exigir.

Enquanto docente, preocupei-me, através dos vários contactos que tive com o concelho de turma, em perceber o papel que o DT desempenha na escola, junto dos alunos, professores e principalmente dos encarregados de educação. Rapidamente cheguei à conclusão, que este é um cargo que engloba uma panóplia de funções, deveres e grandes responsabilidades, não estando, muitas das vezes, à altura de todos os docentes.

Este professor possui não só conhecimentos sobre a legislação em vigor, como também dos diversos recursos escolares, tornando-o apto a desenvolver vários projetos, como o projeto educativo da escola.

Assim, ao DT compete, coordenar e orientar o processo de ensino-aprendizagem e avaliação dos alunos de uma forma global e integradora; proporcionar aos alunos a participação em atividades, se possível conjuntamente com os encarregados de educação; fazer a recolha de informação de cada aluno no que se refere às faltas; disponibilizar aos encarregados de educação informação sobre o percurso e aproveitamento escolar dos alunos, entre outros.

---

[12] Diário da República. Consult. 16 Jun 2015, disponível em http://pt.slideshare.net/isabelamd/portaria-n2422012-de10-de-agosto

O pouco tempo que os professores possuem (um tempo na componente letiva e outro na não letiva), a extensa burocracia que lhes é imposta e as dificuldades que por vezes surgem em informar/contactar os encarregados de educação são algumas das limitações que o DT sente no cumprimento das suas funções.

Em relação à minha experiência, neste contexto, penso que foi extremamente positiva e enriquecedora. A elaboração da caracterização da turma do 10ºC e posterior apresentação ao conselho de turma, permitiu o meu primeiro contacto com este grupo e, ao mesmo tempo, a minha bem-sucedida integração neste meio.

Nas várias reuniões em que participei tive a possibilidade de partilhar as minhas informações, referentes às classificações e experiências vividas com a turma, bem como, adquirir novos conhecimentos partilhados pelos restantes professores, relativamente à turma no geral e a cada aluno em particular. Desta forma, senti que o papel que desempenhava diariamente junto dos alunos e da restante comunidade escolar, era realmente valorizado e apreciado por estes docentes, que tanto respeitei e admirei ao longo deste EP.

Esta minha experiência levou-me a concluir que, o papel que o DT desempenha na escola é preponderante para a união de toda a comunidade educativa, para que no final do ano, a turma alcance os objetivos propostos com êxito.

4.3. Desenvolvimento Profissional

O Desenvolvimento Profissional abrange aspetos como, a reflexão, a descoberta, o desenvolvimento pedagógico e a investigação, que são fundamentais para a construção da competência profissional, suscitando o progresso e a entrada na profissão docente.

A aprendizagem é uma formação contínua, sendo que, a minha teve início na infância, quando entrei pela primeira vez para a escola. Desde então,

tenho evoluído os meus conhecimentos e adquirido competências que me têm permitido ser uma pessoa mais responsável, culta e apta a enfrentar os desafios impostos pela sociedade.

No desenrolar deste ano letivo pude, através de novas vivências, desenvolver capacidades cognitivas no âmbito profissional e pessoal, que me possibilitaram desempenhar eficazmente as minhas funções enquanto EE, contando, incessantemente, com o auxílio da PC e do PO que foram, indubitavelmente, a espinha dorsal de todo o meu percurso.

No que concerne ao presente capitulo, este consubstancia-se, numa primeira análise, nas *atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, (…) e, numa segunda fase, na elaboração do meu projeto de investigação-ação, (…) promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação*[13] (Matos, 2014, p. 7).

Desta forma, torna-se desde já, importante referir que, no decorrer deste EP, tive a oportunidade de participar numa ação de formação com o tema "Desafios à vida mais saudável na escola e na família", realizada no auditório da Escola Básica Eng. Fernando Pinto de Oliveira, em Leça da Palmeira e em algumas formações no âmbito do "Programa Saúde na Escola", como é o caso das sessões de "Educação para a sexualidade" e "1ºs Socorros, SBV, comportamentos aditivos, tomada de decisão e assertividade na adolescência", decorridas nas instalações da ESAG e promovidas pelo Centro de Saúde de Matosinhos.

4.3.1. Projeto de Formação Individual

Através dos saberes teóricos e práticos que a FADEUP disponibilizou ao longo deste mestrado, pude melhorar os meus conhecimentos relativamente

[13] Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

ao processo de formação profissional e elaborar o meu Projeto de Formação Individual (PFI). O apoio da PC e do PO foram também aqui, fundamentais para a construção deste documento, na medida em que me guiaram, incentivaram e transmitiram, ensinamentos importantes para a minha aprendizagem, na sua organização e dinâmica das várias vertentes que o compõem.

Com o PFI pretende-se, que o aluno estagiário, faça uma introspeção sobre si próprio confrontando-se e assumindo as suas dificuldades, os desafios e os objetivos que lhe são colocados pelo EP.

Desta forma, o PFI foi o meu alicerce na minha formação, apresentando-se como um documento orientador da minha prática ao longo do meu percurso enquanto EE. Este foi dividido em três áreas de interesse, uma relativa ao enquadramento pessoal, ao enquadramento institucional e outra relativa ao enquadramento operacional. Todas as tarefas e atividades que me propus a realizar e que foram mencionadas no PFI, foram cumpridas na íntegra.

4.3.2. Portfólio Digital

O portfólio é entendido, segundo Villas Boas (2004, p.38) como "uma coleção das suas produções (do aluno), as quais apresentam as evidências da sua aprendizagem (do aluno). É organizado por ele próprio para que ele e o professor, em conjunto, possam acompanhar seu progresso. O portfólio é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos da sua aprendizagem e avaliar o seu progresso".

A construção do portfólio digital foi uma das tarefas mais importantes que eu realizei no EP. Este mostra e reflete, até certo ponto, o meu percurso como EE durante o processo de Estágio, evidenciando e justificando todas as atitudes pedagógico-didáticas tomadas ao longo deste processo.

Seguindo a mesma estrutura de organização do PFI, dividi o portfólio em três grandes áreas de desempenho, simplificando assim, a sua consulta.

O resultado final do portfólio, reflete, sem dúvida, o meu trabalho, as horas, os dias e as noites passadas na sua elaboração e conclusão.

4.3.3. Escola EB 2/3 Óscar Lopes, uma experiência para o futuro

No decorrer do 2º e 3º período deste ano letivo, o núcleo de estágio teve uma nova experiência. A lecionação de duas UD a uma turma do 2º ciclo do Ensino Básico.

Como a escola na qual estávamos a realizar o EE não se encontrava integrada num Agrupamento, foi necessário encontrar uma escola perto da ESAG que nos disponibilizasse as condições necessárias para a respetiva lecionação.

Assim, a oportunidade surgiu na escola E.B. 2/3 Óscar Lopes localizada em Matosinhos. Esta, é uma escola TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária) onde o insucesso escolar e os casos de violência ocorrem em larga escala.

Quando confrontados com esta realidade e com a turma que nos tinha sido atribuída, toda a tranquilidade que tínhamos até então, rapidamente desvaneceu, dando lugar a uma invulgar inquietação e algum nervosismo.

Apesar disso, as excelentes condições logísticas e materiais que a escola apresentava e o facto de termos estipulado objetivos de fácil concretização permitiu-nos trabalhar de forma mais descontraída.

Assim, na realização das UD demos sempre ênfase ao jogo, pela razão de ser simultaneamente o maior fator de motivação e o melhor indicador da maior ou menor evolução que os alunos iam revelando.

Neste contexto, assumiu-se como importante referência, uma conceção que articulou aspetos fundamentais como o domínio de bola, a oposição, a finalização, a atividade lúdica e outros conteúdos do jogo.

Deste modo, as razões que se prendem com esta proposta de abordagem, assenta na busca de um processo de ensino-aprendizagem com mais qualidade, bem como numa perspetiva de melhor enquadramento com os espaços disponíveis para a prática.

Apesar de lecionarmos os mesmos conteúdos a toda a turma, estes foram adaptados às maiores e menores competências da maioria dos alunos. Esta foi uma turma bastante complexa tendo em conta que os alunos, numa primeira fase, não respeitavam os professores, nem estavam predispostos a cumprir as propostas inicialmente estabelecidas pelos nós. No entanto, procuramos promover a motivação, a entreajuda e o respeito no sentido de se desenvolver um bom clima de aprendizagem. As faltas de respeito, e a desobediência ao professor estiveram sempre presentes, dificultando a nossa ação como professores docentes.

Por fim, no geral foi uma boa experiência termos sido confrontados com esta dura realidade didático-pedagógica que nos levou à necessidade de pesquisar estratégias educativas alternativas e aplicá-las sempre tendo em conta o sucesso escolar. No entanto, também foi uma experiência bastante desgastante e frustrante onde o respeito, a boa conduta e a autoridade estiveram constantemente numa linha ténue que por várias vezes foi quebrada, não deixando outra alternativa que não a assertividade e algum confronto verbal. Apesar disso, existiram momentos de alegria onde alguns dos alunos problemáticos, acabaram mesmo por demonstrar alguma empatia.

4.3.4. Estudo de Investigação-Ação

"A influência das instalações desportivas na motivação dos alunos e na atuação do professor de Educação Física".

4.3.4.1. Introdução

No âmbito do EP, surgiu a realização deste estudo, proveniente de uma dificuldade constatada ao longo da minha prática docente na ESAG, motivada pela falta de instalações desportivas adequadas para a realização das aulas de EF.

Um dos principais objetivos da EF é proporcionar o desenvolvimento físico, motor e intelectual dos jovens estudantes, mas para que isso aconteça é fundamental que o professor seja ancorado na sua tarefa, ou seja, a escola deve desenvolver um planeamento estratégico para a realização das aulas, dispondo de instalações adequadas e de material didático com qualidade e quantidade suficientes. Neste sentido, com infraestruturas apropriadas e adequadas ao contexto escolar, é expectável verificar, uma maior motivação dos alunos para a prática da atividade física, maior vontade em participar nas atividades escolares e, possivelmente, maior interesse em aprender.

Consequentemente, este estudo tem como principal objetivo perceber se as condições logísticas e materiais que a escola possui, interferem na motivação dos alunos e na qualidade das aulas do professor, tal como refere Knuppe (2006, p. 281), "para haver aprendizagem é preciso haver a motivação". No decorrer do EP, verifiquei que os alunos mostravam-se com menos vontade de trabalhar em determinados espaços onde as condições logísticas não eram as mais favoráveis. Constatando este acontecimento, reconduzi-me ao segundo objetivo do meu trabalho, o qual se prende com a atuação do professor face ao pouco equipamento disponível e instalações desportivas inapropriada. Esta é uma problemática que afeta não só a ESAG como muitas outras escolas do país. Desta forma, irei, dentro dos possíveis,

alertar para uma situação que é muitas das vezes ignorada pelos diversos agentes educativos que regem a educação em Portugal.

4.3.4.2. Revisão da Literatura

4.3.4.2.1. Da motivação à atuação do professor

Dei início a este estudo com a certeza de que é fundamental ter uma turma motivada para que esta possa adquirir aprendizagens significativas tanto a nível físico como cognitivo. Na literatura pesquisada, foi possível verificar uma diversidade de configurações para interpretar a motivação.

Assim, começando pela formação da palavra "motivação", esta provém do latim "movere" e possui vários significados, é tudo aquilo que move uma pessoa a fazer algo, a completar uma ou mais tarefas durante uma ação (Pintrich & Shunk, 2002).

Para Carvalho (1996), a motivação é considerada um processo singular e que estabelece determinadas ações, próprias de cada individuo.

Já Murray (1986), garante que a motivação resulta de um processo interno, que se inicia e desenvolve na pessoa e que completa o seu comportamento.

Segundo Balancho e Coelho (1996), a motivação é também vista como um processo que constitui, tudo aquilo que desencadeia uma conduta, que suporta uma atividade progressiva e que orienta essa atividade para um determinado objetivo.

A motivação constitui um fator fundamental a ter em conta no processo de ensino-aprendizagem, tal como afirma Magill (2004), sendo importante não só para o processo de aprendizagem, como também, na execução das habilidades motoras. O autor refere ainda que, os alunos na ausência de motivação não executarão as atividades ou, irão realizá-las incorretamente.

Para que esta aprendizagem tenha mais prazer na sua realização, a motivação deve ser construída a partir de diversos estímulos.

As condições logísticas e materiais da escola são o elo de ligação entre a motivação dos alunos e a atuação do professor, podendo influenciar estes dois processos.

Desta forma, as instalações escolares não são um fator apenas relevantes para a disciplina de EF em si, como também, para a aproveitamento dos jovens estudantes. Tal como refere Borges (2011), as boas infraestruturas escolares podem promover melhores resultados na aprendizagem e concretização das tarefas por parte dos alunos.

Para além da motivação e da aprendizagem dos alunos, a lecionação do professor pode também ser afetada pela presença de instalações impróprias à realização das aulas.

Neste contexto, Gaspari et al. (2006), declara que a falta de infraestruturas e de material adequado, fazem com que os professores de EF, tenham de contornar grandes obstáculos para que o processo de ensino-aprendizagem seja realizado com qualidade. Ainda segundo este autor, a falta de motivação dos alunos e encontrar estratégias para os incentivar à prática da atividade física em espirito de inclusão, são as maiores dificuldades que o profissional pode encontrar. Assim, para fazer face às circunstâncias da profissão docente, o professor deve possuir competências suficientes para intervir de forma eficaz na realidade onde está inserido e interceder e resolver diversos os problemas (Mattos & Neira, 1998).

4.3.4.3. Objetivos da Investigação

4.3.4.3.1. Objetivos Gerais

Pretende-se, neste estudo, verificar a variação dos índices motivacionais dos alunos em conformidade com as condições logísticas da escola e analisar a atuação do professor tendo em conta as mesmas condições.

4.3.4.3.2. Objetivos Específicos

Determinar se existem diferenças significativas na variação da motivação dos alunos e na atuação do professor, relativamente a duas realidades escolares opostas.

4.3.4.4. Hipóteses

- Os alunos da ESAG apresentam índices de motivação mais baixos comparativamente com os alunos que frequentam a Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira.

- A atuação do professor na sala de aula é condicionada pelas instalações desportivas e equipamentos disponíveis.

4.3.4.5. Material e Metodologia Utilizada

4.3.4.5.1. Metodologia

Para a análise deste estudo, adotei uma dupla metodologia, ou seja, para melhor compreender a oscilação da motivação dos alunos recorri a uma metodologia de natureza quantitativa, onde apliquei um questionário em duas escolas com diferentes realidades, sendo elas: 1) a ESAG; e 2) a Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira (ESJP).

A primeira das escolas acima referida, não possui infraestruturas adequadas à realização das aulas de EF e, *ad contrarium*, a Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira, a qual frequentei durante 14 anos, possui excelentes condições físicas e materiais.

De acordo com Stake (2007), a investigação quantitativa, centra-se na pesquisa da origem dos paradigmas sociais, descurando quase por completo, os fundamentos subjetivos das pessoas. Ainda segundo este autor, quanto mais importante se torna uma problemática, maior a necessidade de dar inicio a um estudo subsequente.

No entanto, como afirmam Carmo e Ferreira (1998), existem autores que aconselham a aplicação completiva, no mesmo estudo, dos métodos quantitativos e qualitativos, numa união de atributos respeitantes a cada um dos métodos.

Assim sendo, para analisar a atuação do professor na sala de aula, recorri à metodologia de natureza qualitativa, tendo realizado uma entrevista a 4 (quatro) professores que lecionam nas escolas supracitadas.

A investigação qualitativa enfatiza um modelo fenomenológico, onde a realidade se encontra fixada na consciência dos indivíduos e tem como objetivo perceber e descobrir significados por meio de relatos verbais e de observações (Bento, 2012).

A recolha dos dados, relativamente ao questionário, foi realizada durante as aulas de EF, enquanto que, a entrevista, apenas foi efetuada depois destas terem terminado, mediante autorização dos diretores das respetivas escolas e professores das turmas. A participação dos alunos neste estudo foi feita de forma anónima e voluntária.

Para que a aplicação destes dois métodos resultasse em pleno, foi fundamental respeitar os processos de cada metodologia bem como os seus objetivos.

4.3.4.5.2. Instrumentos Utilizados

Em consequência de não ter encontrado na literatura analisada, um questionário modelo nem um guião de entrevista que se enquadrasse na íntegra neste estudo, entendi elaborar dois documentos orientados exclusivamente para os problemas de motivação dos alunos e atuação do professor na aula, sendo este, o foco principal do meu projeto. Por conseguinte, as questões que selecionei, foram direcionadas para aquilo que desejava observar.

Relativamente ao questionário, este encontra-se dividido em dois grupo:

- No primeiro grupo, é feito uma abordagem geral ao tema da motivação, tentando perceber as preferências dos alunos no que concerne à disciplina. É composta por duas questões e 10 afirmações, sendo cinco relativas aquilo que **agrada** aos alunos nas aulas de EF e as restantes cinco, aquilo que **desagrada** aos alunos nas mesmas aulas. Para responder a cada afirmação, é necessário seguir uma escala de LIKERT, em que o sujeito terá de selecionar uma das quatro categorias disponíveis (1-Discordo Totalmente; 2- Discordo; 3-Concordo; 4-Concordo Totalmente).

- O segundo grupo, é constituído por uma grelha com 10 afirmações e, para responder a estas, é necessário mais uma vez, seguir a escala de LIKERT. É nesta secção que o estudo da motivação ganha destaque e especificidade.

Optei pela entrevista semiestruturada, por esta ser mais focada num determinado assunto, na qual, é elaborado um guião com uma série de perguntas específicas, complementadas por outras questões que possam surgir no decorrer da entrevista (Manzini, 1990). Neste documento foram então, redigidas quatro questões, restritas aos docentes de cada escola e intrínsecas ao tema do desempenho do professor na aula de EF.

Para a construção destes instrumentos, contei com o apoio e supervisão da PC e do PO, corrigindo e adaptando os documentos sempre que foi necessário.

4.3.4.5.3. Amostra

A amostra deste estudo é constituída por 83 alunos de ambos os sexos, dos quais 44 representam a ESAG (21 frequentam uma turma do 7º ano e os outros 23 integram uma turma do 10º ano), sendo que os restantes 39 alunos representam a Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira (20 frequentam uma turma do 7º ano e os outros 19 fazem parte de uma turma do 10º ano).

Escola	Nº de alunos	
	7º Ano	10º Ano
ESAG	21	23
EB 2/3 SJP	20	19

Tabela 1-Referente ao nº de alunos distribuídos segundo o ano e a escola.

No que concerne à faixa etária dos alunos em estudo, esta compreende idades entre os 12 e os 18 anos, sendo a média de idades de aproximadamente 14 anos (m=14,37, dp=1,53), já a mediana apresentada corresponde à idade de 15 anos, idade esta, que surge em maior número de vezes, como se pode verificar na tabela 2.

Distribuição da idade	
N	83
Média	14,37
Moda	15
Mediana	15
Dp	1,53
Mínimo	12
Máximo	18

Tabela 2-Distribuição da idade.

Para além disso, na tentativa de avaliar a influência que as instalações desportivas podem ter na atuação do professor, constituem também parte da amostra, 4 (quatro) professores, sendo que, 2 (dois) lecionam na ESAG, e os restantes 2 (dois) lecionam na EB 2/3 de S. João da Pesqueira. Em ambos os casos, foi selecionado um professor experiente e outro com menos anos de experiência. Esta opção tomada, não tem qualquer relevância concreta para o estudo, apenas procurei uma amostra mais abrangente e diversificada.

De seguida, para facilitar a interpretação dos dados, em relação aos resultados do **questionário,** irei dividir os próximos subcapítulos da seguinte forma:

- Questionário motivação dos alunos:

- Apresentação dos resultados (por cada escola);
- Discussão dos resultados.

Em relação à **entrevista**, irei proceder à mesma configuração:

- Entrevista atuação dos professores:

- Apresentação dos resultados das duas escolas;
- Discussão dos resultados.

Por fim, realizarei as respetivas conclusões.

4.3.4.6. Questionário Motivação dos Alunos

Relativamente ao tratamento de dados, foi utilizado o Software SPSS 21.0. Para a análise descritiva foi usado o desvio padrão, a média e a frequência de respostas por item. Foi também utilizado o *Independent Sample T-test,* a um nível de significância de 0,05, com o intuito de encontrar diferenças significativas nas variáveis estudadas.

4.3.4.6.1. Apresentação dos resultados da ESAG

No que concerne aos itens da questão (1), a maioria dos alunos está de acordo que, aquilo que lhes agrada nas aulas de EF é o facto de terem atividades diversificadas (40,9% em "concordo" e 56,8% em "concordo totalmente").

De igual forma, o facto de serem aulas divertidas, obteve grande concordância por parte dos alunos (27,3% em "concordo" e 56,8% em "concordo totalmente").

Nos restantes três itens, "gostar do professor" (15,9% em "concordo" e 84,1% em "concordo totalmente"); "ter êxito nas atividades" (50% em "concordo" e 40,9% em "concordo totalmente") e "ter aulas bem organizadas" (52,3% em "concordo" e 40,9% em "concordo totalmente"), verificou-se que grande parte dos alunos, concorda com as afirmações.

Motivação dos alunos para a realização das aulas				
	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
(1) Aquilo que me agrada nas aulas de EF é o facto de:				
1- terem atividades diversificadas	2,3%	0%	40,9%	56,8%
2- serem aulas divertidas	0%	9,1%	27,3%	63,6%
3- gostar do professor	0%	0%	15,9%	84,1%
4- ter êxito nas atividades	0%	9,1	50%	40,9
5- ter aulas bem organizadas	0%	6,8%	52,3%	40,9
(2) Aquilo que me desagrada nas aulas de EF é o facto de:				
6- não me sentir motivado	11,4%	54,5%	29,5%	4,5%
7- não ter habilidade para o desporto	79,5%	13,6%	6,8%	0%
8- não gostar de me equipar	27,3%	34,1%	38,6,%	0%
9- ser obrigado a tomar banho	68,2%	31,8%	0%	0%
10- o tempo das aulas ser muito escasso	9,1%	38,6%	40,9%	11,4%

Tabela 3 - Motivação dos alunos para a realização das aulas (ESAG).

Em relação aos itens da questão (2) "aquilo que me desagrada nas aulas de EF", no respeitante à afirmação "não me sentir motivado", houve um número superior de alunos que discordam (54,5%), comparativamente com o número de sujeitos que concordam (29,5%).

O facto de os alunos não possuírem habilidade para o desporto, é desvalorizado pela quase generalidade dos indivíduos (79,5%) e apenas 13,6% concorda com esta afirmação.

No item "não gostar de me equipar", 27,3% dos alunos discorda totalmente, 34,1% apenas discorda e 38,6% concorda.

Por outro lado, a totalidade dos inquiridos (68,2% em "discordo totalmente" e 31,8% em "discordo") refere que, ser obrigado a tomar banho não é um fator que lhes desagrada nas aulas de EF.

O "tempo das aulas ser muito escasso" é um item que reúne um equilíbrio de opiniões (9,1% em "discordo totalmente", 38,6% em "discordo",

40,9% em “concordo” e 11,4% “concordo totalmente”), apesar disso, existe uma ligeira tendência para os alunos concordarem com esta afirmação.

A segunda parte do questionário é composta por 10 afirmações direcionadas especificamente para a motivação dos alunos na sala de aula, e os resultados foram os seguintes:

Relativamente à afirmação nº 1 da segunda grelha, se “as condições logísticas e materiais são as ideais para a realização das aulas de Ed. Física”, a maior parte dos alunos discorda da mesma (61,4% em “discordo totalmente” e 18,2% em “discordo”).

Na afirmação “as condições das infraestruturas desta escola e do material didático interferem negativamente no meu desempenho e na minha aprendizagem”, 27,3% concordam e 63,6% concordam totalmente com esta afirmação.

A maioria dos inquiridos afirmam que, poderiam estar mais motivados se as condições logísticas e materiais fossem melhores (65,9% em “concordo totalmente” e 20,5% “Concordo”).

Também na afirmação “sinto que poderia estar mais motivado com as condições logísticas e materiais desta escola” verifica-se uma elevada concordância dos alunos (20,5% em “concordo” e 65,5% em “concordo totalmente”).

Em relação à redução do tempo de ensino-aprendizagem devido às deslocações para os espaços desportivos, um grande número de sujeitos respondeu que concorda com esta afirmação (54,5% em “concordo” e 18,2% em “concordo totalmente”).

Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais				
	Discordo Totalmente	**Discordo**	**Concordo**	**Concordo Totalmente**
1-As condições logísticas e materiais são as ideais para a realização das aulas de Ed. Física.	61,4%	18,2%	18,2%	2,3%

2-As condições das infraestruturas desta escola e do material didático interferem negativamente no meu desempenho e na minha aprendizagem.	0%	9,1%	27,3%	63,6%
3- Eu sinto que poderia estar mais motivado com as condições logísticas e materiais desta escola.	0%	13,6%	20,5%	65,9%
4-Sinto pouca predisposição para fazer a aula devido às condições dos balneários.	0%	25%	54,5%	20,5%
5-O tempo de Ensino-Aprendizagem é reduzido devido às deslocações para os espaços desportivos.	0%	27,3%	54,5%	18,2%

Tabela 4 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESAG).

A generalidade dos alunos concorda que o trabalho do professor é dificultado pela falta de pavilhão e de material para lecionar as aulas (72,7% em "concordo totalmente" e 27,3% em "concordo").

Na sétima afirmação, relativamente às inter-relações aluno/aluno e professor/aluno, a maior parte dos indivíduos discorda que estas possam ser afetadas devido às aulas serem realizadas em instalações desportivas desadequadas (38,6,% em "discordo totalmente" e 54,5 % em "discordo").

Pelo contrário, a totalidade dos alunos concorda que, o facto de estarem dependentes das condições climatéricas para a realização das aulas práticas é uma condicionante à sua motivação (68,2,% em "concordo totalmente" e 31,8% em "concordo").

A maioria dos sujeitos acredita que as aulas teóricas não são um bom incentivo para a aprendizagem em EF (45,5,% em "discordo totalmente" e 43,2 % em "discordo").

Por fim, todos os sujeitos inquiridos concordam que "apesar das dificuldades em relação ao material disponível para as aulas o professor é ativo e tenta com eficácia contornar as dificuldades que surgem" (63,6,% em "concordo totalmente" e 36,4% em "concordo")

Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais				
	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
6- O trabalho do professor é dificultado, devido às infraestruturas e ao material apresentado.	0%	0%	27,3%	72,7%
7-As inter-relações aluno/aluno e aluno/professor podem ser afetadas devido às instalações desportivas.	38,6%	54,5%	6,8%	0%
8-Estando as aulas práticas de EF dependentes das condições climatéricas, este será um fator desmotivante para a realização das mesmas.	0%	0%	31,8%	68,2%
9-As aulas teóricas são um bom incentivo para a aprendizagem em Ed. Física.	45,5%	43,2%	6,8%	4,5%
10- Apesar das dificuldades em relação ao material disponível para as aulas o professor é ativo e tenta com eficácia contornar as dificuldades que surgem.	0%	0%	36,4%	63,6%

Tabela 5 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESAG).

4.3.4.6.2. Apresentação dos resultados da Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira

No que respeita aos itens da primeira questão, a totalidade dos alunos está de acordo que aquilo que lhes agrada nas aulas de EF é o facto de terem atividades diversificadas (53,8% em “concordo” e 46,2% em “concordo totalmente”). Igualmente o item “serem aulas divertidas” (76,9% em “concordo totalmente” e 23,1% em “concordo”); “gostar do professor” (94,9% em “concordo totalmente” e 5,1% em “concordo”); “ter êxito nas atividades” (48,7% em “concordo” e 46,2% em “concordo totalmente”); “ter aulas bem organizadas” (64,1% em “concordo totalmente” e 35,9% em “concordo”) possui uma elevada concordância de opiniões da generalidade dos sujeitos.

Motivação dos alunos para a realização das aulas				
	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
(1) Aquilo que me agrada nas aulas de EF é o facto de:				
1- terem atividades diversificadas	0%	0%	53,8%	46,2%
2- serem aulas divertidas	0%	0%	23,1%	76,9%
3- gostar do professor	0%	0%	5,1%	94,9%
4- ter êxito nas atividades	0%	5,1	48,7%	46,2%
5- ter aulas bem organizadas	0%	0%	35,9%	64,1%
(2) Aquilo que me desagrada nas aulas de EF é o facto de:				
6- não me sentir motivado	53,8%	46,2%	0%	0%
7- não ter habilidade para o desporto	41%	53,8	5,1%	0%
8- não gostar de me equipar	59%	41%	0%	0%
9- ser obrigado a tomar banho	64,1%	35,9%	0%	0%
10- o tempo das aulas ser muito escasso	66,7%	30,8%	2,6%	0%

Tabela 6 - Motivação dos alunos para a realização das aulas (ESJP).

Relativamente aos itens da questão 2 (dois) "aquilo que me desagrada nas aulas de EF", todos os alunos responderam com discordância ao facto de se sentirem desmotivados nas aulas de EF (53,8% em "discordo totalmente" e 46,2% em "discordo").

No item "não ter habilidade para o desporto", a maioria dos alunos respondeu, que este não é uma motivo para não gostar das aulas de EF, com o valor de 41% em "discordo totalmente" e 53,8% em discordo.

Tanto os itens "não gostar de me equipar" (59% em "discordo totalmente" e 41% em "discordo") e "ser obrigado a tomar banho" (64,1% em "discordo totalmente" e 35,9% em "discordo") apresentam uma grande divergência dos inquiridos em relação aos restantes.

"O tempo das aulas ser muito escasso", não é uma razão para que os alunos estejam desagradados com as aulas, tendo em conta as suas respostas a esta afirmação (66,7% em "discordo totalmente" e 30,8% em "discordo").

Quanto à segunda grelha de motivação, é possível confirmar que existe uma tendência para que os alunos concordem com as afirmações. Assim sendo, no que concerne às condições logísticas e materiais os alunos concordam que a escola possui todas as condições necessárias à realização das aulas de EF (79,5% em "concordo totalmente" e 20,5% em "concordo").

No que se refere "as condições das infraestruturas desta escola e do material didático interferem negativamente no meu desempenho e na minha aprendizagem" e "sinto que poderia estar mais motivado com as condições logísticas e materiais desta escola", também possuem, um elevado número de alunos que estão em desacordo com estas afirmações (30,8% em "discordo totalmente" e 66,7% em "discordo" e 25,6% em "discordo totalmente" e 69,2% em "discordo").

Quanto à predisposição dos alunos para realizar a aula, verifica-se que a maioria dos alunos respondeu em discordância (41% em "discordo totalmente" e 56,4% em "discordo").

Contrariamente, a totalidade dos sujeitos é da opinião que as deslocações para os espaços desportivos não afeta o tempo de aula (51,3% em "discordo totalmente" e 48,7% em "discordo").

Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais				
	Discordo Totalmente	**Discordo**	**Concordo**	**Concordo Totalmente**
1-As condições logísticas e materiais são as ideais para a realização das aulas de Ed. Física.	0%	0%	20,5%	79,5%
2-As condições das infraestruturas desta escola e do material didático interferem negativamente no meu desempenho e na minha aprendizagem.	30,8%	66,7%	0%	2,6%
3- Eu sinto que poderia estar mais motivado com as condições logísticas e materiais desta escola.	25,6%	69,2%	5,1%	0%

4- Sinto pouca predisposição para fazer a aula devido às condições dos balneários.	41%	56,4%	2,6%	0%
5-O tempo de Ensino-Aprendizagem é reduzido devido às deslocações para os espaços desportivos.	51,3%	48,7%	0%	0%

Tabela 7 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESJP).

A perceção dos alunos em relação ao trabalho do professor, é um fator importante a ter em conta, neste caso, todos os indivíduos que participaram neste questionário responderam afirmativamente que a presença de pavilhão e material adequado, facilita a atuação do professor na aula (71,8% em "concordo totalmente" e 28,2% em "concordo"). Já as inter-relações aluno/aluno e aluno/professor, não são fatores decisivos, no ponto de vista dos inquiridos, uma vez que, todos eles responderam que as instalações desportivas não interferem neste tipo de relações (41% em "discordo totalmente" e 59% em "discordo").

As condições climatéricas são também, na ótica dos alunos, um agente desmotivante, caso as aulas práticas estejam dependentes do fator meteorológico (48,7% em "concordo totalmente" e 48,7% em "concordo").

No que concerne às aulas teóricas, a maioria dos sujeitos afirma que estas não são um bom incentivo para a aprendizagem nas aulas de EF (64,1% em "discordo totalmente" e 33,3% em "discordo").

Por último, todos os alunos consideram que atendendo às boas infraestruturas e materiais didáticos adequados, o professor não tem qualquer dificuldade em contornar os imprevistos que vão surgindo (64,1% em "discordo totalmente" e 33,3% em "discordo").

Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais				
	Discordo Totalmente	**Discordo**	**Concordo**	**Concordo Totalmente**
6-O trabalho do professor é dificultado, devido às infraestruturas e ao material apresentado.	51,3%	48,7%	0%	0%
7-As inter-relações aluno/aluno e aluno/professor podem ser afetadas devido às instalações desportivas.	41%	59%	0%	0%
8-Estando as aulas práticas de EF dependentes das condições climatéricas, este será um fator desmotivante para a realização das mesmas.	0%	2,6%	48,7%	48,7%
9-As aulas teóricas são um bom incentivo para a aprendizagem em Ed. Física.	64,1%	33,3%	2,6%	0%
10- Apesar das boas condições em relação ao material disponível para as aulas, o professor tem dificuldade em contornar os imprevistos que surgem.	0%	0%	46,2%	53,8%

Tabela 8 - Motivação dos alunos para a realização das aulas tendo em conta as instalações desportivas e materiais (ESJP).

Para dar resposta aos objetivos do estudo e testar as hipóteses do mesmo procedeu-se à comparação da motivação dos alunos em relação à ESAG e à Escola EB 2/3 Sec. de S. João da Pesqueira. Para isso, recorreu-se ao teste *t-Student* – duas amostras independentes.

Este teste permite testar a hipótese de que duas médias populacionais são idênticas, ou seja, não existe significância entre elas e, por outro lado, permite verificar se as médias são diferentes, ou seja, existe significância entre si. Assim, sempre que o valor da significância for menor ou igual a 0,05, vamos assumir a diferença rejeitando as médias iguais.

Posto isto, no que se refere à comparação daquilo que **agrada** aos alunos nas aulas de EF, entre estas escolas (1º grupo do questionário), verificou-se que existem diferenças significativas das médias na seguinte afirmação do questionário:

- Na afirmação "eu ter aulas bem organizadas", os alunos da ESJP apresentam uma média maior relativamente aos alunos da ESAG (m=3,64; dp=0,49 e m=3,34; dp=0,61 respetivamente), sendo estas consideradas significativas (t=2,463; p=0,016), indicando que os alunos

da ESJP apresentam maior concordância, ou seja, o facto de as aulas serem bem organizadas agrada mais aos alunos da ESJP.

Relativamente àquilo que **desagrada** aos alunos nas aulas de EF, foram encontradas diferenças significativas das médias nas seguintes afirmações:

- Na afirmação "não me sentir motivado", os alunos da ESAG apresentam uma média maior relativamente aos alunos da ESJP (m=2,27; dp=0,73 e m=1,46; dp=0,51 respetivamente), com uma significância de t=5,830; p=0,000 indicando que os alunos da ESAG apresentam maior concordância, ou seja, os alunos desta escola estão menos motivados para realizar as aulas de EF.

- Na afirmação "não ter habilidade para o desporto", os alunos da ESJP apresentam uma média mais elevada comparativamente com os alunos da ESAG (m=1,64; dp=0,58 e m=1,27; dp=0,59 respetivamente), onde o valor de significância é de t=2,864; p=0,005 referindo que os alunos da ESJP na sua maioria, não concordam que que não ter habilidade para o desporto é um fator de desagrado em EF.

- Tanto na afirmação "eu não gostar de me equipar" (m=2,11; dp=0,81) e o "tempo das aulas ser muito escasso" (m=2,55; dp=0,82) a ESAG apresenta tanto uma maior média em relação à ESJP, como de concordância, isto é, há mais alunos a não gostarem de EF por não gostarem de se equipar, e também de acharem que o tempo de aula é muito reduzido.

Em relação ao grupo (2) do questionário, no que se refere à **motivação** dos alunos para realizaram as aulas de EF (tendo em conta as instalações desportivas e materiais apresentados), verificou-se que existem diferenças significativas das médias nas seguintes afirmações do questionário:

- Na afirmação número (1), os alunos da ESJP apresentam uma média mais elevada comparativamente com os alunos da ESAG (m=3,79; dp=0,41 e m=1,61; dp=0,87 respetivamente), onde o valor de significância é de significância de t= -14,899; p=0,000 referindo que os

alunos da ESJP apresentam maior concordância, em relação ao facto das condições desportivas e materiais serem adequadas.

- Pelo contrário, nas restantes afirmações a ESAG apresenta uma média superior à ESJP. Na segunda afirmação o valor de significância é de t=12,864 e p=0,000, neste caso, os alunos da ESAG apresentam uma quantidade maior de concordância, então, nesta escola as condições das infraestruturas podem afetar negativamente o desempenho e a aprendizagem (ESAG m=3,41; dp=0,58 e ESJP m=1,74; dp=0,60).

- Na terceira afirmação, o valor de significância é de t=12,849 e p=0,000, mais uma vez, os alunos da ESAG apresentam uma quantidade maior de concordância, o que quer dizer que estes, estariam mais motivados se as condições logísticas e materiais fossem melhores (ESAG m=3,52; dp=0,73 e ESJP m=1,79; dp=0,52).

- Na quarta afirmação, o valor de significância é de t=9,821 e p=0,000, ou seja, a ESAG apresenta uma quantidade elevada de concordância, desta forma, pode-se afirmar que os alunos desta escola sentem pouca predisposição para fazer as aulas devido às condições dos balneários (ESAG m=2,95; dp=0,68 e ESJP m=1,62; dp=0,54).

- Na quinta afirmação, o valor de significância é de t=10,735 e p=0,000, a ESAG ao contrário da ESJP, volta a apresentar uma grande quantidade de respostas afirmativas, ou seja, os alunos da ESAG têm menos tempo de aula uma vez que perdem mais tempo em deslocações para as instalações desportivas (ESAG m=2,91; dp=0,68 e ESJP m=1,49; dp=0,51).

- Na sexta afirmação, o valor de significância é de t=21,179 e p=0,000, apenas os alunos da ESAG concordam que o “trabalho do professor é dificultado, devido às infraestruturas e ao material apresentado” (ESAG m=3,73; dp=0,45 e ESJP m=1,49; dp=0,51).

- Na afirmação número oito, o valor de significância é de t=20,624 e p=0,000, mais uma vez, os alunos da ESAG apresentam maior concordância, apesar de não muito díspar, em relação à ESJP, neste caso há mais alunos na ESAG a desmotivarem-se devido ao facto das aulas práticas estarem dependentes das condições climatéricas (ESAG m=3,68; dp=0,47 e ESJP m=1,38; dp=0,54).

- Na afirmação número nove, o valor de significância é de t=3,011 e p=0,004, neste caso, na ESJP mais uma vez, os alunos da ESAG apresentam maior concordância, apesar de não muito díspar, em relação à ESJP, neste caso há mais alunos na ESAG a desmotivarem-se devido ao facto das aulas práticas estarem dependentes das condições climatéricas (ESAG m=1,70; dp=0,80 e ESJP m=1,28; dp=0,46).

4.3.4.6.3. Discussão dos resultados

Após a apresentação dos resultados, irei discutir seguidamente, de forma sucinta, os resultados obtidos relativamente à influencia que o e as instalações e o equipamento desportivo podem ter na motivação dos alunos, e consequentemente, na aprendizagem dos mesmos.

Na comparação da motivação dos alunos entre as duas escolas, verificou-se diferenças significativas em 13 dos 21 itens em análise, sendo que, cinco (5) fazem parte do primeiro grupo de afirmações e oito (8) do segundo grupo.

No primeiro item “aquilo que agrada aos alunos nas aulas de EF”, apenas a afirmação número 5 (cinco) apresenta diferenças significativas entre escolas, como tal, foi possível verificar que os alunos da ESJP têm maior preferência por aulas bem organizadas do que os alunos da ESAG.

Por outro lado, no item “aquilo que desagrada aos alunos nas aulas de EF”, constatou-se que os alunos da ESAG possuem menos motivação para a realização das aulas, já que, este é um dos fatores que mais lhes desagrada nesta disciplina.

Este resultado vai ao encontro dos estudos realizados por Júnior (1990), com estudantes do ensino médio, destacando a preocupação, de que um elevado número de jovens não possuía motivação suficiente para a realização prática das aulas de EF.

Também se constatou que, desagrada mais aos alunos da ESAG o facto de não gostarem de se equipar e de o tempo de aula ser demasiado curto.

Relativamente à segunda parte do questionário, os alunos da ESAG concordam que não estão reunidas as condições necessárias para a realização das aulas de EF e este facto, pode influenciar negativamente a aprendizagem e o desempenho dos alunos, ao contrário da ESJP que para a totalidade dos inquiridos, possui condições logísticas e materiais adequadas.

Os estudos de Sátyro & Soares (2008) referem que ao analisar a evolução das condições materiais das escolas e o impacto que estas podem ter no desempenho e aprendizagem dos jovens, verificaram que existe uma relação, embora um pouco modesta, entre a melhoria das infraestruturas escolares e a melhoria dos resultados dos jovens.

Também se constatou que alunos da ESAG sentem que poderiam estar mais motivados e predispostos para realizar as aulas de EF se a escola tivesse melhores condições logísticas, materiais e dispusesse de balneários adequados para os alunos se equiparem. Pelo contrário, os alunos da ESJP sentem que não iriam estar mais motivados caso a escola possuísse melhores infraestruturas.

Neste sentido, os estudos de Shigunov (1993) indicam que, grande parte dos alunos entrevistados, julgam as aulas de EF como más e desmotivantes, justificando as suas opiniões com a falta de espaço e de materiais adequados para a realização das aulas.

Como foi observado no primeiro grupo de questões (o facto do tempo de das aulas ser muito curto desagrada aos alunos), o tempo despendido nas deslocações reduz o tempo efetivo de aula, de acordo com a maioria dos alunos da ESAG. Já a ESJP, dispõe de boas infraestruturas e como tal as deslocações para os espaços desportivos são muitas curtas.

Em relação ao trabalho do professor, os alunos de ambas as escolas têm a perfeita noção das dificuldades que o professor atravessa. Neste caso, os alunos da ESAG, ao contrário da ESJP, consideram que as tarefas do professor são dificultadas pelas condições materiais que a escola apresenta.

Nas afirmações seguintes as duas escolas encontram-se em sintonia de respostas, ou seja, no que diz respeito ao facto de as aulas práticas estarem dependente das condições climatéricas, a maioria dos alunos inquiridos é da opinião que este é um fator desmotivante para eles. No que se refere às aulas teóricas, todos os alunos referem que a realização deste tipo de aulas não é, de todo, um incentivo para a aprendizagem.

4.3.4.7. Entrevista Atuação do Professor

4.3.4.7.1. Apresentação dos resultados

Para uma melhor interpretação dos resultados foram selecionadas para cada pergunta, as respostas dos professores da ESAG e professores da ESJP entrevistados.

A primeira questão tinha como objetivo, saber se em ambas as escolas, as infraestruturas e o material desportivo são os ideais para a realização das aulas de EF.

"Não, porque não permite lecionar em boas condições (…) havendo constantemente necessidade de realizar adaptações aos conteúdos e aos espaços. Também existem matérias de ensino que não podem ser abordadas (…)". **E1 (ESAG)**

"Não, de todo (…) penso que as condições encontradas na ESAG para a lecionação da disciplina de Ed. Física não são as essênciais. (…) coloca em causa todo o ambiente de aula e, consequentemente, o trabalho do professor". **E2 (ESAG)**

"Sim, pois estão reunidas todas as condições essenciais a uma boa prática desportiva (…) o que facilita tanto a aprendizagem dos alunos como o desenvolvimento da minha prática." **E3 (ESJP)**

"Sim, porque o facto de esta escola possuir boas condições desportivas condiciona favoravelmente (…) a natural aprendizagem e evolução dos alunos." **E4 (ESJP)**

A segunda questão pretendia entender se as instalações desportivas podem, de alguma forma, condicionar a atuação do professar na aula.

"Sim, porque cria as condições adequadas para que o ensino possa ocorrer normalmente e a sua falta cria maiores dificuldades ao docente, mas também maiores desafios na atuação e no método a adotar pelo professor (…)". **E1 (ESAG)**

*"Sim. Todo o planeamento realizado pelo professor tem que ser muito bem pensado. O facto de não haver as condições ditas mínimas para a lecionação (…) condiciona em muito a atuação do professor. Este tem que arranjar variadíssimas estratégias de ensino para que os alunos gostem da aula e ao mesmo tempo aprendam com o que estão a realizar (…)".***E2 (ESAG)**

"Sim, *se o professor tiver as melhores condições para lecionar (…) tem mais motivação para transmitir os seus conhecimentos aos alunos e consequentemente a motivação destes melhora (…) Para além disso, as tarefas diárias que o professor de EF realiza (…) são também facilitadas.* **E3 (ESJP)**

"Sim são uma condicionante, porque caso as instalações desportivas não fossem as melhores, os alunos não poderiam desenvolver as suas

*habilidades motoras de uma forma tão eficaz, o que complicaria o trabalho do professor (…)".***E4 (ESJP)**

A terceira questão pretendia identificar quais as estratégias necessárias para o professor contornar as dificuldades, a nível:

a) Individual na sala de aula;

b) Em grupo disciplinar.

a) **Individual na sala de aula.**

"(…) criar regras de atuação nos alunos relativamente ao cumprimento do regulamento específico da disciplina; (…) adaptar os regulamentos e conteúdos de ensino consoante o nível psicomotor detetado no aluno; (…) adaptar os materiais de ensino e os próprios espaços." **E1 (ESAG)**

"Estratégias que englobem vários objetivos, de alcance rápido e que levem a um objetivo final sem causar dependência deste último." **E2 (ESAG)**

*"(…) motivar constantemente os alunos para a prática desportiva independentemente das suas qualidades técnicas, "obrigando-os" a uma participação ativa em todos os momentos da aula (…)".***E3 (ESJP)**

"(…) adaptar as unidades didáticas e as metodologias de ensino às capacidades e necessidades dos alunos". **E4 (ESJP)**

b) **Em grupo disciplinar.**

*"Estabelecimento de condutas de atuação similares entre os pares, no que concerne à aplicação do regulamento específico da disciplina; Cumprimento (…) dos programas de ensino e os critérios de avaliação; (…) grelhas de avaliação semelhantes no que responde à aplicação dos mesmos critérios de avaliação (…)".***E1 (ESAG)**

*"Uma gestão de espaços muito bem pensada, justa para todas as partes (…)".***E2 (ESAG)**

"(…) a partilha de estratégias e métodos de trabalho, e o cumprimento dos programas estabelecidos pelo grupo disciplinar." **E3 (ESJP)**

*"(…) promover estratégias de ensino diversificadas e adaptadas às necessidades dos alunos. Partilhar documentos e estratégias entre todos os elementos do corpo docente (…)".***E4 (ESJP)**

Na quarta e última questão, pretendia perceber se as aulas teóricas são uma opção favorável à aprendizagem dos alunos.

"Considero apenas necessário quando o professor não conseguir transmitir na aula prática os conteúdos teóricos, contudo pode ser uma boa ferramenta no que concerne à visualização de conteúdos lecionados nas UD's." **E1 (ESAG)**

"Até certo ponto sim (…) como forma de completar a aprendizagem do aluno com a explicação mais aprofundada e pensada das situações que este realiza na prática (…) podem também ser utilizadas como forma de (…) organização de aulas futuras (…). No entanto, quando essa solução passa a ser frequente (…) tira à disciplina toda a sua base e toda a sua essência. De nada vale aos alunos terem um forte conhecimento teórico se depois não o conseguem experimentar em situação real". **E2 (ESAG)**

"As aulas de EF são essencialmente práticas, importante é (…) proceder à construção ou reestruturação das instalações (…) para o professor poder desenvolver o seu trabalho. (…) na prática ensina-se também a teoria, tornando-se muito mais motivante para os alunos." **E3 (ESJP)**

"Pode ser uma estratégia viável até certo ponto, por um lado, tem benefícios na obtenção da atenção dos alunos que, num pavilhão, por vezes se torna difícil ter, por exemplo. Por outro lado, o uso excessivo das aulas teóricas pode comprometer o desenvolvimento motor dos alunos, por falta de atividade física." **E4 (ESJP)**

4.3.4.7.2. Discussão dos resultados

Em relação às instalações logísticas e materiais (1ª pergunta), os professores da ESAG afirmam que a escola não possui as condições fundamentais para a realização efetiva das aulas de EF e em consequência disso, o professor tem de se adaptar constantemente aos espaços e conteúdos que pretende lecionar, podendo colocar em causa o seu trabalho profissional. Pelo contrário, os professores que lecionam na ESJP asseguram que estão reunidas as condições necessárias à realização das aulas de EF e por isso, a aprendizagem dos alunos e a atuação do professor torna-se um processo mais facilitado.

Neste sentido, nos estudos realizados por Valente (2002), este constatou que, os maiores problemas que o professor de EF enfrenta na escola são a ausência de infraestruturas e de espaços para lecionar as aulas bem como, de material desportivo adequado para realização das mesmas, pois este facto dificulta a realização de muitas atividades, podendo prejudicar o desenvolvimento dos alunos.

Este autor menciona ainda que, muitas escolas possuem todos os recursos que as diversas disciplinas do currículo escolar consideram ser essenciais, no entanto, para a realização das aulas de EF as condições apresentadas são precárias, afetando o trabalho do docente.

Para Bracht (2003), é fundamental a existência de equipamentos e infraestruturas adequadas para as aulas de EF, pois a sua inexistência ou escassez pode ser o suficiente para que todo o trabalho pedagógico não chegue ao seu destinatário.

No que se refere à 2ª pergunta, foi possível verificar, que todos os indivíduos entrevistados, de ambas as escolas, consideram que a atuação do professor na aula de EF é condicionada devido a instalações desportivas e materiais desadequadas. Tanto os professores da ESJP como da ESAG partilham de opiniões idênticas, referindo que a falta de condições para a realização das aulas origina maiores dificuldades na lecionação por parte do

docente mas, por outro lado, esta situação também pode criar maiores desafios ao professor, “obrigando-o” a inovar e adotar novas formas de ensinar para que os alunos não percam a motivação e continuem a aprender de forma consistente.

O desenvolvimento de espaços apropriados para a realização das aulas de EF, fornecem ao professor, agradáveis condições de ensino e aos alunos qualidade na aprendizagem (Bracht, 2003).

Mas, como afirmam Marques & Iora (2009), por escolas não terem equipamentos adequados para a realização de diversas atividades, não é justificação para que determinados conteúdos não sejam abordados.

Nos estudos de Canestraro et al. (2008) foram entrevistados 11 professores de EF, com o objetivo de perceber quais as dificuldades que estes profissionais enfrentam nas escolas. Os autores concluíram que, grande parte dos docentes entrevistados mencionam como maiores dificuldades, a falta de material e de espaços adequados para a realização das aulas de EF.

No que se refere às estratégias adotadas (3ª pergunta), quer a nível individual ou em grupo de EF, é possível constatar que nas duas escolas as respostas dos professores são semelhantes ou então complementam-se em alguns casos. Estas estratégias passam por criar regras de atuação, adaptar os regulamentos e conteúdos ao nível dos alunos, bem como os materiais e os espaços de ensino. Um dos professores da ESAG referiu ainda que motivar frequentemente os alunos é uma das estratégias importantes para fazer face aos problemas que podem surgir durante o processo de ensino-aprendizagem. A partilha de estratégias entre docentes e o cumprimento dos programas são também algumas das opções mencionadas pelos entrevistados.

Torna-se então, fundamental estabelecer estratégias e métodos de ensino quer individualmente ou em grupo disciplinar para que o professor possa intervir corretamente no processo de ensino-aprendizagem, superando as necessidades e dificuldades que a escola pode causar. Como refere Medeiros (2009), planear e organizar corretamente o espaço da aula são

estratégias essenciais que podem proporcionar uma aprendizagem com qualidade.

Por último, a 4ª pergunta, tal como refere Bento (2003, p. 122), “nenhuma outra disciplina é tão dependente do clima e do tempo como a Educação Física”. Este facto é na verdade uma das condicionantes das aulas de EF, especialmente quando as escolas não possuem espaços interiores e as aulas têm de decorrer no exterior. Desta forma e para os professores entrevistados, as aulas teóricas podem assumir um lugar de referência na aprendizagem dos alunos, isto é, a maioria dos docentes concorda que as aulas teóricas podem funcionar como um complemento na aprendizagem dos alunos, sendo que, o professor deverá recorrer a estas sempre que considerar importante para o êxito do processo de ensino-aprendizagem. Contudo, o excesso deste tipo de aula pode desencadear uma queda abrupta nos índices motivacionais dos alunos, podendo até comprometer o seu desenvolvimento motor.

Em concordância com Libâneo e Pimenta (1999), os professores desempenham uma atividade essencialmente teórico-prática, já que esta profissão necessita conciliar frequentemente componentes teóricas com situações práticas reais.

Para Faria et al. (2010), o professor de EF pode ser inovador tanto na realização das aulas práticas como das teóricas, fundamental é saber desenvolver situações atrativas e motivadoras para os alunos.

4.3.4.8. Conclusões

Tendo em conta as experiências vivenciadas ao longo deste EP na ESAG, o objetivo deste estudo de investigação-ação prendia-se com a necessidade de perceber se as infraestruturas e o material didático que a escola atualmente apresenta, podem influenciar na motivação dos alunos para a realização das aulas de EF e se estas mesmas estruturas, poderiam interferir na atuação do professor.

Através deste estudo podemos concluir que efetivamente, a motivação dos alunos pode ser afetada devido às condições inadequadas que a escola impõe para a prática desportiva e em especial, para as aulas de EF. Foi possível verificar um descontentamento muito superior por parte dos alunos da ESAG comparativamente aos alunos da ESJP, que possuem excelentes condições materiais para a realização das aulas. Confirma-se desta forma, que a primeira hipótese apontada para este estudo está correta ("Os alunos da ESAG apresentam índices de motivação mais baixos comparativamente com os alunos que frequentam ESJP").

Noutra perspetiva, concluiu-se também, que a atuação dos professores em sala de aula é afetada pela qualidade das instalações disponíveis. Os professores da ESAG concordam, sem qualquer dúvida, que as infraestruturas que esta escola apresenta para a realização das aulas, não são as mais indicadas, podendo muitas das vezes, por em causa todo o trabalho do professor e, consequentemente, a aprendizagem dos alunos. No entanto, "nem tudo é mau", as dificuldades que o professor de EF sente no desenvolvimento da sua prática letiva, podem servir para despertar a sua criatividade, o sentido de improviso e a capacidade de adaptação que, de outra forma, não seriam tão bem explorados.

4.3.4.9. Bibliografia

Balancho, M. J., & Coelho, F. M. (1996). Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas. Lisboa: Texto Editora.

Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade?. Revista JÁ (Associação Académica da Universidade da Madeira), 64, 40-43.

Borges, P. (2011). Infraestrutura adequada nas escolas melhora a aprendizagem. Consult. 15.06.2015, disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/infraestrutura-adequada-nas-escolas-melhora-aprendizagem/n1597288520232.html

Bracht, V. (2003). A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. Cadernos Cedes, 19 (48), 69-89.

Canestraro, J. F., Zulai, L. C., Kogut, M. C. (2008). Principais dificuldades que o professor de educação física enfrenta no processo ensino-aprendizagem do ensino fundamental e sua influência no trabalho escolar. Consult. 22.05.2015, disponível em http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/872_401.pdf.

Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). Metodologia da Investigação. Guia para autoaprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, J. S. F. (1996). Algumas reflexões sobre o papel da escola de 2º grau. Revista Paulista de Educação Física, 2, 36-39.

Faria, B. et al. (2010). Inovação Pedagógica na Educação Física. O que aprender com práticas bem sucedidas?. Revista digital. Consult. 22.05.2015, disponível em http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3217498;

Gaspari, T. C., Júnior, O. S., Maciel, V., Impolcefto, F., Venâncio, L., Rosário, L. F., Lorio, L., Thormmazo, A., Darido, S. C. (2006). A realidade dos professores de educação física na escola: dificuldades e sugestões. Revista Mineira de educação física, 1, 109-137.

Guimarães, S. (2004). O Estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos Estudantes: Uma Perspetiva da Teoria da Autodeterminação. Psicologia: Reflexão e Crítica, 17 (2),143-150.

Júnior, J. M. (1990). O papel do professor de Educação Física como motivador da prática desportiva permanente da comunidade. Revista O Professor, 3(1), 47-55.

Knuppe, L. (2006). Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. Curitiba: Editora UFPR.

Libâneo, J. C. & Pimenta, S. G. (1999) Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspetiva de mudança. Revista Educação & Sociedade, 20 (68), 239-277.

Libâneo, J., Ferreira, J., Seabra, M. (2008). Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez.

Magill, R. A. (2004). Motor learning and control: concepts and applications. Boston: McGraw-Hill.

Manzini, E. J. (1990). A entrevista na pesquisa social. São Paulo: Didática.

Marques, C. L. S. & Iora, J. A. (2009). Atletismo Escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de Educação Física. Revista movimento, 15 (2), 103-118.

Mattos, M. G. e Neira, M. G. (1998). Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola. São Paulo: Plêiade.

Murray, E.J. (1986). Motivação e emoção. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

Pintrich, P. R., & Schunk, D. H. (2002). Motivation in education: Theory, research, and applications. New Jersey: Prentice Hall.

Sátyro, N. G. D. & Soares, D. S. (2008). O Impacto da Infraestrutura Escolar na Taxa de Distorção Idade-Série das Escolas Brasileiras de Ensino Fundamental – 1998 a 2005. Brasília: Ipea

Shigunov, V. (1993). A influência da matéria de ensino e da intervenção pedagógica nas atitudes dos alunos em aulas de educação física. Horizonte, 10 (58), 147-153.

Stake, Robert. (2007). A arte da Investigação. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian.

Valente, R. A. M. (2002). As dificuldades e os problemas que o professor de Educação Física enfrenta: da formação à profissão. Viseu: R. Valente. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior Politécnico de Viseu.

5. Conclusões e Perspetivas para o Futuro

O EP foi um ano repleto de experiências inovadoras e gratificantes, que me fizeram crescer como docente e como ser humano. São agora eternas memórias, de um passado recente, que irei recordar com nostalgia mas também, com sabedoria.

Inicialmente foi complicado compreender e aceitar esta nova realidade ao qual eu vivenciei este ano letivo, mas com muita dedicação e espirito de sacrifício consegui superar todos os obstáculos que surgiram no meu, ainda curto, caminho como professor.

As muitas horas passadas entre as aulas lecionadas e as reuniões com o núcleo de estágio, permitiu-me adquirir vastos conhecimentos que um dia, espero aplicá-los num contexto real.

Tendo em conta a conjuntura atual que o país atravessa, não consigo afirmar com clareza o que o futuro me reserva, no entanto, tenho a convicção de que o caminho que ainda terei de percorrer, faz parte de um processo constante e inacabado.

A formação contínua é, portanto, um fator indispensável para que me possa adaptar constantemente à realidade do ensino, tendo em conta as alterações das variáveis que regulam o processo de ensino-aprendizagem.

Espero que o futuro se encarregue de me responder a muitas questões que ficaram em aberto, indicando-me o melhor percurso, para otimizar a tarefa educativa, sendo este o objetivo final do sistema educativo.

O sonho começa agora…

6. Bibliografia

Aires, L. (2010). Disciplina na sala de aulas - Um guia de boas práticas para professores do 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Lisboa: Edições Silabo.

Albuquerque, A. (2003). Caracterização das conceções dos orientadores de estágio pedagógico e a sua influência na formação inicial em Educação Física. Porto: A. Albuquerque. Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Aranha, À. (2004). Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Aranha, A. (2007). Observação de aulas de Educação Física. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Arends, R. (2008). Aprender a ensinar. Lisboa: McGraw-Hill.

Arroyo, J. (2009). Análisis del clima de aula en Educación Física. Un estudio de casos. Málaga: J. Arroyo. Dissertação de Doutoramento apresentada a Universidad de Málaga.

Bento, J. O. (1998). Planeamento e Avaliação em Educação Física. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J. O. (2003). Planeamento e avaliação em educação física (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J.O. (1987). Desporto “Matéria” de Ensino. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

Costa, F. (1984). O que é um ensino eficaz das atividades físicas no meio escolar?. Horizonte, 1, 22-26

Estrela, Maria T. (1991). Inovação. Viseu: Tipografia Guerra.

Fávero, M. L. A. (1992). Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. São Paulo: Cortez.

Feiman-Nemser, S. (1990). Teacher preparation: structural and conceptual alternatives. In R. Houston, M. Haberman, & J. Sikula (Eds): *Handbook of Research on Teacher Education,* (212-233). New York: MacMillan.

Gómez, R. M. (2005). El ambiente en las clases de Matemáticas y la respuesta a las diferencias individuales. Revista Bordón, 57 (4), 37-49

Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., & Mira, J. (2001). Programa de Educação Física – 10º, 11º e 12º anos. Cursos Científico-humanísticos e Cursos Tecnológicos. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário.

Medeiros, A. S. (2009). Influências dos Aspetos Físicos e Didáticos Pedagógicos nas Aulas de Educação Física em Escolas Municipais de Belém. Revista científica da UFPA, 7 (1), 1-22.

Mesquita, I. (2005). *A pedagogia do treino. A formação em jogos desportivos coletivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

Mesquita, I. (2013). Didática Geral do Desporto - Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. FADEUP: Documento PPT.

Mesquita, I., & Graça, A. (2009). Modelos Instrucionais no Ensino do Desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), Pedagogia do Desporto. Lisboa: Edições FMH.

Nóvoa, A. (1991). Formação contínua de professores: realidades e perspetivas. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Nóvoa, A. (1992). Formação de professores: A profissão docente. In A. Nóvoa (Ed.), Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Pierón, M. (1996). Formação de Professores – Aquisições de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica. Lisboa: Edições FMH.

Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. Avaliação da Aprendizagem. Lisboa: Texto Editora.

Rink, J., (1993). Teaching Physical Education for Learning (2.ª ed.). St. Louis: Mosby.

Sousa, P. (2006). Aprendizagem autorregulada no contexto escolar: Uma abordagem motivacional. O portal dos Psicólogos Consult. 22.05.2015, disponível em http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0295.pdf

Villas Boas, B. M. de F. (2004). Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico. Campinas: Papirus,

7. Anexos

Anexo A – Versão Original do Questionário

Ano de Escolaridade_____ Idade____ Sexo_____

a) Responda às afirmações seguintes assinalando com um "X", um número a que corresponde a seguinte escala:

1. Discordo Totalmente; 2. Discordo; 3. Concordo; 4. Concordo Totalmente.

Aquilo que me agrada nas aulas de EF é o facto de:

1.	terem atividades diversificadas	1	2	3	4
2.	serem aulas divertidas	1	2	3	4
3.	eu gostar do professor	1	2	3	4
4.	eu ter êxito nas atividades	1	2	3	4
5.	eu ter aulas bem organizadas	1	2	3	4

Aquilo que me desagrada nas aulas de EF é o facto de:

6.	não me sentir motivado	1	2	3	4
7.	eu não ter habilidade para o desporto	1	2	3	4
8.	eu não gostar de me equipar	1	2	3	4
9.	eu ser obrigado a tomar banho	1	2	3	4
10.	o tempo das aulas ser muito escasso	1	2	3	4

	1	2	3	4
1- As condições logísticas e materiais são as ideais para a realização das aulas de Ed. Física.				
2- As condições das infraestruturas desta escola e do material didático interferem negativamente no meu desempenho e na minha aprendizagem.				
3- Eu sinto que poderia estar mais motivado com as condições logísticas e materiais desta escola.				
4- Sinto pouca predisposição para fazer a aula devido às condições dos balneários.				
5- O tempo de Ensino-Aprendizagem é reduzido devido às deslocações para os espaços desportivos.				
6- O trabalho do professor é dificultado, devido às infraestruturas e ao material apresentado.				
7- As inter-relações aluno/aluno e aluno/professor podem ser afetadas devido às instalações desportivas.				
8- Estando as aulas práticas de EF dependentes das condições climatéricas, este será um fator desmotivante para a realização das mesmas.				
9- As aulas teóricas são um bom incentivo para a aprendizagem em Ed. Física.				
10- Apesar das boas condições em relação ao material disponível para as aulas, o professor tem dificuldade em contornar os imprevistos que surgem.				

Anexo B – Versão Original da Entrevista

1 - Tendo em conta as instalações logísticas e materiais que neste ano letivo esta escola disponibiliza, considera que estas são as condições essenciais para a efetiva realização das aulas de Ed. Física? Porquê?

2 - De acordo com a sua experiência de lecionação, acredita que as instalações desportivas são uma condicionante à atuação em sala de aula do professor de Educação Física? De que forma?

Se as instalações desportivas são uma condicionante para a atuação do professor.

3 - De uma maneira geral, quais as estratégias que considera necessárias utilizar, para fazer face às dificuldades encontradas?

Quais as estratégias que considera necessárias para fazer face às dificuldades encontradas

3.1 – Individuais na sala de aula.

3.2 – Em grupo disciplinar.

4 - As aulas teóricas podem ser uma solução frequente para resolver problemas relacionados com os espaços desportivos. Na sua opinião, considera ser uma opção viável para a aprendizagem dos alunos?

Anexo C – Transcrições das Entrevistas

Entrevista 1 (ESAG)

1 - Tendo em conta as instalações logísticas e materiais que neste ano letivo esta escola disponibiliza, considera que estas são as condições essenciais para a efetiva realização das aulas de Ed. Física? Porquê?

R: *Não, porque não permite lecionar em boas condições as UD de ensino, havendo constantemente necessidade de realizar adaptações aos conteúdos e aos espaços. Também existem matérias de ensino que não podem ser abordadas como é o caso da modalidade de basquetebol.*

Igualmente os meios informáticos de suporte ao ensino, essenciais nos dias que hoje, não existem, o dificulta ainda mais o ensino das várias UD.

2 - De acordo com a sua experiência de lecionação, acredita que as instalações desportivas são uma condicionante à atuação em sala de aula do professor de Educação Física? De que forma?

R: *Sim, porque cria as condições adequadas para que o ensino possa ocorrer normalmente e a sua falta cria maiores dificuldades ao docente, mas também maiores desafios na atuação e no método a adotar pelo professor para a transmissão das várias UD's.*

3 - De uma maneira geral, quais as estratégias que considera necessárias utilizar, para fazer face às dificuldades que podem surgir?

3.1 – Individuais na sala de aula.

R: *A necessidade de criar regras de atuação nos alunos relativamente ao cumprimento do regulamento específico da disciplina;*

A necessidade de adaptar os regulamentos e conteúdos de ensino consoante o nível psicomotor detetado no aluno;

A necessidade de adaptar os materiais de ensino e os próprios espaços.

3.2 – Em grupo disciplinar.

R: *Estabelecimento de condutas de atuação similares entre os pares, no que concerne aplicação do regulamento específico da disciplina;*

Cumprimento pelo grupo dos programas de ensino e os critérios de avaliação;

Estabelecimento de grelhas de avaliação semelhantes no que responde à aplicação dos mesmos critérios de avaliação no mesmo ano de escolaridade.

4 - As aulas teóricas podem ser uma solução frequente para resolver problemas relacionados com os espaços desportivos. Na sua opinião, considera ser uma opção viável para a aprendizagem dos alunos?

R: *Considero apenas necessário quando o professor não conseguir transmitir na aula prática os conteúdos teóricos, contudo pode ser uma boa ferramenta no que concerne à visualização de conteúdos lecionados nas UD's.*

Entrevista 2 (ESAG)

1 - Tendo em conta as instalações logísticas e materiais que neste ano letivo esta escola disponibiliza, considera que estas são as condições essenciais para a efetiva realização das aulas de Ed. Física? Porquê?

R: *Não, de todo. Desde condições de segurança, transporte, tempo útil de aula e motivação, quer dos alunos, quer dos professores, penso que as condições encontradas na ESAG para a lecionação da disciplina de Ed. Física não são as essências. Apenas o facto de, e acontecendo em várias modalidades, o aluno não ter presente na aula o objetivo principal de uma modalidade (por exemplo uma baliza no futebol ou andebol), coloca em causa todo o ambiente de aula e, consequentemente, o trabalho do professor, não beneficiando nenhumas das partes.*

2 - De acordo com a sua experiência de lecionação, acredita que as instalações desportivas são uma condicionante à atuação em sala de aula do professor de Educação Física? De que forma?

R: *Sim. Todo o planeamento realizado pelo professor tem que ser muito bem pensado. O facto de não haver as condições ditas mínimas para a lecionação de certas modalidades desportivas, condiciona em muito a atuação do professor. Este tem que arranjar variadíssimas estratégias de ensino para que os alunos gostem da aula e ao mesmo tempo aprendam com o que estão a realizar e em muitos dos casos, essas estratégias nem sempre são reconhecidas e nem sempre resultam.*

3 - De uma maneira geral, quais as estratégias que considera necessárias utilizar, para fazer face às dificuldades que podem surgir?

3.1 – Individuais na sala de aula.

R: *Estratégias que englobem vários objetivos, de alcance rápido e que levem a um objetivo final sem causar dependência deste último. Nem sempre conseguimos alcançá-lo face às dificuldades encontradas.*

3.2 – Em grupo disciplinar.

R: *Uma gestão de espaços muito bem pensada, justa para todas as partes e que, acima de tudo, prejudiquem o mínimo possível os alunos.*

4 - As aulas teóricas podem ser uma solução frequente para resolver problemas relacionados com os espaços desportivos. Na sua opinião, considera ser uma opção viável para a aprendizagem dos alunos?

R: *Até certo ponto sim. A disciplina de educação física alberga muito mais que apenas a componente prática. As aulas teóricas podem e devem, muitas vezes serem utilizadas como forma de completar a aprendizagem do aluno com a explicação mais aprofundada e pensada das situações que este realiza na prática. Por outro lado, podem também ser utilizadas como forma de "adiantar" trabalho no que toca à organização de aulas futuras, pondo os alunos a par do que se irá realizar ao longo das várias unidades didáticas. No entanto, quando essa solução passa a ser frequente e, em muitos casos, demasiado frequente tira à disciplina toda a sua base e toda a sua essência. De nada vale aos alunos terem um forte conhecimento teórico se depois não o conseguem experimentar em situação real.*

Entrevista 3 (ESJP)

1 - Tendo em conta as instalações logísticas e materiais que neste ano letivo esta escola disponibiliza, considera que estas são as condições essenciais para a efetiva realização das aulas de Ed. Física? Porquê?

R: *Sim, pois estão reunidas todas as condições essenciais a uma boa prática desportiva em geral e para a realização das aulas de EF em particular. Tanto as instalações desportivas como o material didático, encontram-se em bom estado de conservação, o que facilita tanto a aprendizagem dos alunos como o desenvolvimento da minha prática.*

2 - De acordo com a sua experiência de lecionação, acredita que as instalações desportivas são uma condicionante à atuação em sala de aula do professor de Educação Física? De que forma?

R: Sim, *se o professor tiver as melhores condições para lecionar, que é o caso desta escola, automaticamente tem mais motivação para transmitir os seus conhecimentos aos alunos e consequentemente a motivação destes melhora para as aulas de educação física. Para além disso, as tarefas diárias que o professor de EF realiza na preparação da aula e após a sua conclusão, são também facilitas.*

3 - De uma maneira geral, quais as estratégias que considera necessárias utilizar, para fazer face às dificuldades que podem surgir?

3.1 – Individuais na sala de aula.

R: *O que tento fazer é motivar constantemente os alunos para a prática desportiva independentemente das suas qualidades técnicas, "obrigando-os" a uma participação ativa em todos os momentos da aula "tendo muito ou pouco jeito". O importante é participar para assim poder evoluir a todos os níveis.*

3.2 – Em grupo disciplinar.

R: *É muito importante a participação ativa do grupo de Educação Física para que possamos partilhar informações entre todos. As estratégias que na*

minha opinião podem resultar serão, a partilha de estratégias e métodos de trabalho, e o cumprimento dos programas estabelecidos pelo grupo disciplinar.

4 - As aulas teóricas podem ser uma solução frequente para resolver problemas relacionados com os espaços desportivos. Na sua opinião, considera ser uma opção viável para a aprendizagem dos alunos?

R: *As aulas de EF são essencialmente práticas, importante é, no caso de a escola não possuir condições favoráveis à realização das aulas, proceder à construção ou reestruturação das instalações, nomeadamente pavilhões com condições para o professor poder desenvolver o seu trabalho. Não quero com isto dizer que a teoria não tenha importância. Pelo contrário. Mas, nesta disciplina, na prática ensina-se também a teoria, tornando-se muito mais motivante para os alunos.*

Entrevista 4 (ESJP)

1 - Tendo em conta as instalações logísticas e materiais que neste ano letivo esta escola disponibiliza, considera que estas são as condições essenciais para a efetiva realização das aulas de Ed. Física? Porquê?

R: *Sim, porque o facto desta escola possuir boas condições desportivas condiciona favoravelmente o natural cumprimento tanto das unidades didáticas, como também, a natural aprendizagem e evolução dos alunos.*

2 - De acordo com a sua experiência de lecionação, acredita que as instalações desportivas são uma condicionante à atuação em sala de aula do professor de Educação Física? De que forma?

R: *Sim são uma condicionante, porque caso as instalações desportivas não fossem as melhores, os alunos não poderiam desenvolver as suas habilidades motoras de uma forma tão eficaz, o que complicaria o trabalho do professor, pois este teria de despender muito mais tempo para planear as suas aulas, por exemplo.*

3 - De uma maneira geral, quais as estratégias que considera necessárias utilizar, para fazer face às dificuldades que podem surgir?

3.1 – Individuais na sala de aula.

R: As estratégias passariam, essencialmente, por tentar adaptar as *unidades didáticas e as metodologias de ensino às capacidades e necessidades dos alunos, uma vez que, apesar de o meio onde o professor está inserido possuir boas condições materiais, muitas das vezes as nossas dificuldades não se relacionam com a prática em si, mas com todo o planeamento que se encontra por trás deste processo.*

3.2 – Em grupo disciplinar.

R: *Deve-se tentar melhorar todas as estratégias delineadas bem como, tentar promover estratégias de ensino diversificadas e adaptadas às necessidades dos alunos.*

Partilhar documentos e estratégias entre todos os elementos do corpo docente, para que possamos melhorar cada vez mais as aulas de educação física.

4 - As aulas teóricas podem ser uma solução frequente para resolver problemas relacionados com os espaços desportivos. Na sua opinião, considera ser uma opção viável para a aprendizagem dos alunos?

R: *Pode ser uma estratégia viável até certo ponto, por um lado, tem benefícios na obtenção da atenção dos alunos que, num pavilhão, por vezes se torna*

difícil ter, por exemplo. Por outro lado, o uso excessivo das aulas teóricas pode comprometer o desenvolvimento motor dos alunos, por falta de atividade física.

Anexo D – Comparação da motivação dos alunos SPSS

Frequency Table

1-Aquilo que me AGRADA nas aulas é: terem atividades diversificadas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	1	1,2	1,2	1,2
	Concordo	39	47,0	47,0	48,2
	Concordo Totalmente	43	51,8	51,8	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

2-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:serem aulas divertidas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	4	4,8	4,8	4,8
	Concordo	21	25,3	25,3	30,1
	Concordo Totalmente	58	69,9	69,9	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

3-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:eu gostar do professor

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo	9	10,8	10,8	10,8
	Concordo Totalmente	74	89,2	89,2	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

4-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:eu ter êxito nas atividades

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	6	7,2	7,2	7,2
	Concordo	41	49,4	49,4	56,6
	Concordo Totalmente	36	43,4	43,4	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

5-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:eu ter aulas bem organizadas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo	3	3,6	3,6	3,6
	Concordo	37	44,6	44,6	48,2
	Concordo Totalmente	43	51,8	51,8	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

6-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:não me sentir motivado

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	26	31,3	31,3	31,3
	Discordo	42	50,6	50,6	81,9
	Concordo	13	15,7	15,7	97,6
	Concordo Totalmente	2	2,4	2,4	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

7-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:não ter habilidade para o desporto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	51	61,4	61,4	61,4
	Discordo	27	32,5	32,5	94,0
	Concordo	5	6,0	6,0	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

8-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:não gostar de me equipar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	35	42,2	42,2	42,2
	Discordo	31	37,3	37,3	79,5
	Concordo	17	20,5	20,5	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

9-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:ser obrigado a tomar banho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	55	66,3	66,3	66,3
	Discordo	28	33,7	33,7	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

10-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:o tempo de aula ser muito escasso

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	30	36,1	36,1	36,1
	Discordo	29	34,9	34,9	71,1
	Concordo	19	22,9	22,9	94,0
	Concordo Totalmente	5	6,0	6,0	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

1- As condições logísticas e materiais são as ideais para a realização das aulas de Ed. Física.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	27	32,5	32,5	32,5
	Discordo	8	9,6	9,6	42,2
	Concordo	16	19,3	19,3	61,4
	Concordo Totalmente	32	38,6	38,6	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

2- As condições das infraestruturas desta escola e do material didático interferem negativamente no meu desempenho e na minha aprendizagem.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	12	14,5	14,5	14,5
	Discordo	28	33,7	33,7	48,2
	Concordo	22	26,5	26,5	74,7
	Concordo Totalmente	21	25,3	25,3	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

3- Eu sinto que poderia estar mais motivado com as condições logísticas e materiais desta escola.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	10	12,0	12,0	12,0
	Discordo	33	39,8	39,8	51,8
	Concordo	11	13,3	13,3	65,1
	Concordo Totalmente	29	34,9	34,9	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

4- Sinto pouca predisposição para fazer a aula devido às condições dos balneários.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	16	19,3	19,3	19,3
	Discordo	33	39,8	39,8	59,0
	Concordo	25	30,1	30,1	89,2
	Concordo Totalmente	9	10,8	10,8	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

5- O tempo de Ensino-Aprendizagem é reduzido devido às deslocações para os espaços desportivos.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	20	24,1	24,1	24,1
	Discordo	31	37,3	37,3	61,4
	Concordo	24	28,9	28,9	90,4
	Concordo Totalmente	8	9,6	9,6	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

6- O trabalho do professor é dificultado, devido às infraestruturas e ao material apresentado.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	20	24,1	24,1	24,1
	Discordo	19	22,9	22,9	47,0
	Concordo	12	14,5	14,5	61,4
	Concordo Totalmente	32	38,6	38,6	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

7- As inter-relações aluno/aluno e aluno/professor podem ser afetadas devido às instalações desportivas.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	33	39,8	39,8	39,8
	Discordo	47	56,6	56,6	96,4
	Concordo	3	3,6	3,6	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

8- Estando as aulas práticas de EF dependentes das condições climatéricas, este será um fator desmotivante para a realização das mesmas.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	25	30,1	30,1	30,1
	Discordo	13	15,7	15,7	45,8
	Concordo	15	18,1	18,1	63,9
	Concordo Totalmente	30	36,1	36,1	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

9- As aulas teóricas são um bom incentivo para a aprendizagem em Ed. Física.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo Totalmente	48	57,8	57,8	57,8
	Discordo	30	36,1	36,1	94,0
	Concordo	3	3,6	3,6	97,6
	Concordo Totalmente	2	2,4	2,4	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

10- Apesar das boas condições em relação ao material disponível para as aulas, o professor tem dificuldade em contornar os imprevistos que surgem.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo	34	41,0	41,0	41,0
	Concordo Totalmente	49	59,0	59,0	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
1-Aquilo que me AGRADA nas aulas é: terem atividades diversificadas	Equal variances assumed	,840	,362	,485	81	,629	,061	,126	-,190	,312
	Equal variances not assumed			,491	80,271	,625	,061	,125	-,187	,309
2-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:serem aulas divertidas	Equal variances assumed	13,511	,000	-1,802	81	,075	-,224	,124	-,471	,023
	Equal variances not assumed			-1,848	74,239	,069	-,224	,121	-,465	,018
3-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:eu gostar do professor	Equal variances assumed	11,383	,001	-1,581	81	,118	-,108	,068	-,243	,028
	Equal variances not assumed			-1,627	71,895	,108	-,108	,066	-,240	,024
4-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:eu ter êxito nas atividades	Equal variances assumed	,053	,818	-,677	81	,500	-,092	,136	-,363	,179
	Equal variances not assumed			-,680	80,794	,499	-,092	,135	-,362	,177
5-Aquilo que me AGRADA nas aulas é:eu ter aulas bem organizadas	Equal variances assumed	2,749	,101	-2,463	81	,016	-,300	,122	-,543	-,058
	Equal variances not assumed			-2,496	80,191	,015	-,300	,120	-,539	-,061
6-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:não me	Equal variances assumed	1,766	,188	5,830	81	,000	,811	,139	,534	1,088

sentir motivado	Equal variances not assumed			5,956	76,806	,000	,811	,136	,540	1,082
7-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:não ter habilidade para o desporto	Equal variances assumed	1,646	,203	-2,864	81	,005	-,368	,129	-,624	-,112
	Equal variances not assumed			-2,864	79,838	,005	-,368	,129	-,624	-,112
8-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:não gostar de me equipar	Equal variances assumed	8,360	,005	4,678	81	,000	,703	,150	,404	1,003
	Equal variances not assumed			4,809	72,441	,000	,703	,146	,412	,995
9-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:ser obrigado a tomar banho	Equal variances assumed	,588	,445	-,388	81	,699	-,041	,105	-,250	,168
	Equal variances not assumed			-,387	79,146	,700	-,041	,105	-,251	,169
10-Aquilo que me DESAGRADA nas aulas é:o tempo de aula ser muito escasso	Equal variances assumed	9,085	,003	7,688	81	,000	1,186	,154	,879	1,494
	Equal variances not assumed			7,878	74,878	,000	1,186	,151	,886	1,487
1- As condições logísticas e materiais são as ideais para a realização das aulas de Ed. Física.	Equal variances assumed	31,515	,000	-14,332	81	,000	-2,181	,152	-2,484	-1,878
	Equal variances not assumed			-14,899	62,771	,000	-2,181	,146	-2,474	-1,889
2- As condições das infraestruturas desta escola e do material didático interferem negativamente no meu desempenho e na minha aprendizagem.	Equal variances assumed	1,472	,229	12,864	81	,000	1,666	,129	1,408	1,923
	Equal variances not assumed			12,849	79,417	,000	1,666	,130	1,408	1,923

3- Eu sinto que poderia estar mais motivado com as condições logísticas e materiais desta escola.	Equal variances assumed	8,704	,004	12,246	81	,000	1,728	,141	1,447	2,009
	Equal variances not assumed			12,491	77,639	,000	1,728	,138	1,452	2,003
4- Sinto pouca predisposição para fazer a aula devido às condições dos balneários.	Equal variances assumed	,115	,736	9,821	81	,000	1,339	,136	1,068	1,610
	Equal variances not assumed			9,954	80,180	,000	1,339	,135	1,071	1,607
5- O tempo de Ensino-Aprendizagem é reduzido devido às deslocações para os espaços desportivos.	Equal variances assumed	,003	,958	10,735	81	,000	1,422	,132	1,158	1,685
	Equal variances not assumed			10,921	78,904	,000	1,422	,130	1,163	1,681
6- O trabalho do professor é dificultado, devido às infraestruturas e ao material apresentado.	Equal variances assumed	9,814	,002	21,330	81	,000	2,240	,105	2,031	2,449
	Equal variances not assumed			21,179	76,673	,000	2,240	,106	2,029	2,451
7- As inter-relações aluno/aluno e aluno/professor podem ser afetadas devido às instalações desportivas.	Equal variances assumed	,850	,359	,754	81	,453	,092	,122	-,151	,335
	Equal variances not assumed			,762	80,657	,448	,092	,121	-,148	,332
8- Estando as aulas práticas de EF dependentes das condições climatéricas, este será um fator desmotivante para a realização das mesmas.	Equal variances assumed	1,950	,166	20,624	81	,000	2,297	,111	2,076	2,519
	Equal variances not assumed			20,446	75,764	,000	2,297	,112	2,073	2,521

9- As aulas teóricas são um bom incentivo para a aprendizagem em Ed. Física.	Equal variances assumed	8,754	,004	2,920	81	,005	,422	,145	,135	,710
	Equal variances not assumed			3,011	69,944	,004	,422	,140	,143	,702
10- Apesar das boas condições em relação ao material disponível para as aulas, o professor tem dificuldade em contornar os imprevistos que surgem.	Equal variances assumed	2,409	,125	,899	81	,371	,098	,109	-,119	,315
	Equal variances not assumed			,897	78,998	,373	,098	,109	-,119	,315